

Per Elsa Gonçalves

Parliamo di Elsa

(presenza 19.1.1930, Guarda – assenza 10.2.2022, Lisboa)

Elsa (Gonçalves) non è stata tra noi e con noi invano. Ma dire di lei non è facile per una sola persona (e men che meno per me, troppo emotivamente implicata per via di una vita personale e di lavoro intrecciata con la sua): ci vogliono molte voci. Ecco perché ho pensato di raccogliere qui diverse testimonianze, di chi la ha conosciuta bene come persona e come studiosa e le ha voluto bene.

Cominciando da me, Anna FERRARI

Una premessa fondamentale, forte e sicura, è rappresentata dalla sua (di Elsa) dura lucidità, accompagnata da una tenera generosità; dal suo rigore estremo, per cui tutti la abbiamo ammirata, però mai eccessivo e sempre invece aperto alle ragioni dell'altro, anche quando si trattava delle sue più intime, personali e forti convinzioni; dalla forza di volontà, usata intanto con se stessa ma anche con gli altri, sempre con la massima accattivante grazia, una forza impensabile in un corpo così delicato.

Sulla base di questo, io certo ripercorrerò quanto più rileva per «Cultura Neolatina» (ma non solo, anche quanto più rileva per lei e per me), vale a dire il suo percorso scientifico, del resto ben documentato dal e nel felicissimo e prezioso volume, dal titolo tanto suggestivo e evocativo (e rispondente al vero), Elsa Gonçalves, *De Roma ata Lixboa. Estudos sobre os cancioneiros galego-portuguses*, nel quale i tre curatori, J. Dionísio, H. Monteagudo e M.A. Ramos raccolgono 30 dei suoi saggi principali, scelti dalla stessa Elsa (con la consapevolezza e la lucidità che le conosciamo) come i suoi studi più rappresentativi e accompagnati da una bibliografia completa. Il volume, pubblicato nel 2016 dalla Real Academia Galega, fu offerto alla sua autrice all'Università di Lisbona il 19 gennaio 2017, giorno del suo ottantasettesimo compleanno, in cui lei si presentò (ancorché già con fatica) felicissima ed elegantissima. Ai curatori va di nuovo la mia immensa gratitudine.

Elsa, portoghese di nascita, italiana di Filologia. Tutto comincia a Roma, negli anni '70, quando lei, bravissima lettrice di portoghese, ha cominciato, anche lei allieva di Aurelio Roncaglia, a studiare la lirica galego-portoghese. E tutto comincia con la *Tavola colocciana*, dopo un breve apprendistato specifico (la recensione a Lapa del 1972: vedi E. Gonçalves, *Recensio-ne* a M. Rodrigues Lapa, *Cantigas [d]'escarnho e de maldizer dos cancioneiros*

medievais galego-portugueses, 2ª Edição, revista e acrescentada, [Vigo] 1970, in «Cultura Neolatina», XXXII, 1972, pp. 153-164).

Ma qui mi fermo, ancora incapace di scrivere il mio lungo ricordo, perché quando lo avrò scritto Elsa mi sembrerà davvero morta: e non sono ancora pronta. Forse nel prossimo fascicolo di questa rivista, di cui Elsa è stata assidua collaboratrice, anche come membro del Comitato scientifico.

Proseguo invece con le testimonianze (in ordine alfabetico), avvertendo che non ho assolutamente voluto unificare la loro “mise en forme” (a cominciare dalla presenza/assenza di titolo): lo stile della pagina infatti molto riflette di ciascuno degli studiosi intervenuti, e anche in questo le voci devono essere plurime.

João Nuno ALÇADA (Lisboa)

A Evocação de uma Amizade

1. Neste tempo e meio tempo das várias fases existentes nas nossas vidas, em determinados momentos repensadas quando nos debruçamos sobre o passado, ainda me é difícil falar da ausência de uma amiga e do seu diálogo fraterno há 46 anos começado em Roma. O uso das palavras, neste caso, passa a ser um pacto com o tempo. E penso que me será estranho usá-las para evocar um mundo mais que perfeito de recordações pois em certo modo ele está perdido. Ou pelo menos adiado para um ulterior diálogo de amizade no momento que a todos nos espera, é certo, mas não sei ainda contar a sua forma ou quando ele se verificará.

Todavia reflecto em todos esses 46 anos e malgrado as distâncias a que a diáspora profissional me ia levando nos períodos seguintes ao de Roma, a minha amizade e a da Elsa sempre se manteve igual, ou seja, as nossas distâncias geográficas nunca nos deixaram afastados de um diálogo constante. Acontecia ele nos repetidos encontros em congressos ou mesas-redondas a que assistíamos, nas minhas vindas a Lisboa, nos recados e cartas entregues por amigos comuns. E por parte da Elsa havia sempre a partilha de alegrias e cuidados, desabafos sobre a escrita de ensaios que desejava acabar rapidamente e não conseguia, notícias das nossas famílias e dos amigos comuns, superando assim os vários condicionalismos que a vida, por vezes, nos ia impondo por estarmos aqui e além.

2. *Istituto di Filologia Romanza* - Piazzale delle Scienze, Via Anna Faustina, Via Civitavecchia, a tantos anos de distância, são nomes de lugares romanos que pensando neles hoje como o início de uma vida, levam-me a tomar como extraordinária a ‘aparição’ discreta que foi a presença da Elsa quando da minha chegada a Roma.

Vim a percebê-lo mais tarde, sei-o agora melhor, quando a energia desses anos já não me pode inspirar como sendo uma realidade possível pela qual talvez espere ainda, e indefinidamente na vida, mas nesse meu início de vida romana ela foi, sem dúvida alguma, voz e razão, verdade e discernimento.

A Elsa tornou-se como que uma guia excelente e amiga para esses primeiros passos no espírito dos lugares. E na sua descrição habitual (mas sempre generosa partilhando-a com os outros), não só me deu conta dos escolhos que eu iria encontrar no dia-a-dia universitário, do difícil equilíbrio que, por vezes, as relações humanas desse meio nos impunham mas também me soube falar da exacta dimensão do que era encontrar uma forma de virtude pessoal no estudo mais aprofundado de certas áreas, na alegria da ‘surpresa nova’ vinda da investigação científica que havíamos escolhido, repartida e apoiada como o era entre os conselhos dos Mestres amigos que nos acompanhavam.

E depois, como marcos de uma caminhada a cumprir, com método, coragem paciente e se possível em passos diários, indicou-me os caminhos das Bibliotecas a visitar: a *Vallicelliana*, junto ao *Oratorio dei Filippini* e a antiga *Alessandrina*, junto a *Sant'Ivo alla Sapienza*, ambas à sombra do sonho arquitectural de Francesco Borromini, a *Angelica* com os seus 180.000 volumes de manuscritos e 1.100 incunábulo, a *Casanatense* e a riqueza dos Catálogos que a compunham. E, evidentemente, a *Biblioteca Vaticana* onde o silêncio do estudo poderia dar, a qualquer pessoa, não só frutos inesperados, como sempre dão as árvores do Sol, mas também formas de alegria, uma alegria solar, fruto do que se espera indefinidamente e se encontra, por vezes, em instantes compensadores, ao chegar-se à resolução de enigmas até aí aparentes. Na *Biblioteca Vaticana*, Elsa Gonçalves quase se poderia dizer estar em casa pois nela passava dias de estudo porfiado, atento, metucioso, tentando compreender, entre outros assuntos, o que Angelo Colocci, em ‘acidente humano’, não teria deixado bem explícito ao elaborar a cópia da lista dos autores compilados a partir do *Cancioneiro* que possuía e que se conhece hoje como *Tavola Colocciana*. E ela escreverá mais tarde, com saber e humildade, aludindo à única crítica negativa que surgiu quando da publicação do seu estudo de grande fôlego que foi a edição interpretativa do texto da *Tavola*

Em suma: ao editar o texto do Índice collociano, enunciara uma conclusão provisória baseada nos dados recolhidos. Ao retomar a discussão do problema, acrescentando por um lado, novos dados susceptíveis de remover as contrariedades que me haviam sido contrapostas e mostrando, por outro lado, que o modo de *intavulare* praticado por Colocci não obedece a regras que possam orientar inequivocamente a nossa interpretação [...] continuo apenas a pensar que as minhas suposições (indemonstráveis) podem estar próximas da verdade [...] Nove anos volvidos sobre esta prudente declaração, assim continuo a pensar.¹

Com este estudo iniciou a Elsa uma longa caminhada de investigação ao redor de trovadores e cancioneiros, ele foi-lhe marco inicial de um itinerário filológico que cumpriu até ao fim, basta consultar a sua longa bibliografia que se transformou num longo e sábio *iter* reconhecido pelos colegas e especialistas na matéria.

3. Mas regressando aos dias de estudo na *Biblioteca Vaticana* alguns funcionários da Sala de Leitura, já habituados à sua presença, diziam-lhe à chegada: “Benvenuta Professoressa Gonçalves” e a alegria solar, atrás referida, de investigadora atentamente dedicada ao trabalho, ouvi-lha algumas vezes, quando após um dia de estudo, saindo dessas horas de trabalho sem tempo marcado, respirava o ar de um ‘tramonto romano’ exclamando: “Que alegria! *Non ce la faccio più*, estou cansada, mas sinto-me abençoada por este privilégio sem nome”. E de imediato eu me lembrava da frase bíblica “A esperança dos justos é alegria” (*Provérbios* 10, 18), pois era disso que se tratava.

Com enorme inteligência, sabedoria e rara capacidade de análise, a Elsa sabia ler e interpretar a poesia medieval galaico-portuguesa, descobrindo segredos ‘escondidos’ deixados pelos trovadores ou por quem compilou a sua poesia em cancioneiros. Algumas vezes, voltava a um assunto que tratara antes corrigindo-o em ensaios posteriores, ou completando, discutindo, hipotizando, sugerindo soluções em face das leituras discordantes de terceiros. Sendo pessoa de amizades fiéis, os amigos que tiveram o privilégio de a conhecer e acompanhar na vida, eram-lhe um bem maior que respeitava em todos os momentos.

¹ In Elsa Gonçalves, *De Roma ata Lixboa. Estudos sobre os cancioneiros galego-portugueses*, 2016 Real Academia Galega, editores João Dionísio, Henrique Monteagudo e Maria Ana Ramos, *Nota Introdutória*, pág XXVI.

4. Pelo seu afecto generoso e firme, creio ter ela constituído ao seu redor – como bem observou Maria Lúcia Garcia Marques na sua despedida – “uma família de coração, dentro da qual nós nos rendíamos à meticulosidade do seu trabalho, à sua genuína modéstia a par com a sua enorme dignidade profissional e aquele sorriso limpo, quase musical de tão confiado”. A Elsa estava sempre atenta aos outros em enorme bondade e compreensão para aquilo que podia ajudar, aconselhar, estar por perto, comunicando a essa ‘família’, – e mesmo que por poucas palavras – uma alegria profunda e imediata surgida em qualquer conversa que trazia conforto e paz de certeza.

Também em pequenas alegrias partilhadas com os amigos, mesmo em pequenos pormenores isso sucedia. Lembro-me agora de que o nome de um dos poetas – o jogral Johan Servando – de cujas poesias desejou durante anos fazer uma edição crítica, esse nome, repito, era recorrente em algumas das nossas conversas. Meticulosamente ela expunha as dúvidas, as hipóteses, o adiamento dessa edição devido, entre outros factores, ao desconhecimento do contexto e cenário geográfico em que algumas das suas cantigas poderiam ser lidas e analisadas, e “não são apenas as ‘cantigas de romaria’ que Monaci, em erro de leitura, chama ‘cantos de ledino’, dizia. Mas é a invocação a San Servando que dá unidade ao ‘cancioneiro de amigo’ no qual nem todas as composições são lugar de oração ou encontro de namorados ... é preciso estudar, por agora são mais hipóteses que certezas, tenho que estudar”.

E a edição crítica ia sendo adiada ...

5. Lembro-me, por isso, de um bilhete postal datado “Santiago, 29 de Março 1981”, assinado pela Elsa e pela Anna Ferrari, “companheira no afã e no divertimento da busca do rigor filológico”, conforme Elsa escreve na dedicatória do seu estudo “*Sintaxe e interpretatio*: Afonso X, Joan Rodriguis foi esmar a Balteira (B 481/V64)”. Nesse postal, enviado de Santiago de Compostela, apenas me era dito:

“A San Servando não foi meu amigo”, pois está na Holanda. Mas “Ora van a San Servando donas fazer romarias” ou então pode ler ainda: “Tal romaria de donas vai alá que non à par!” Encontrámos, depois de uma chuva diluviana, a pequena capela semi-abandonada de San Servando de Pazos, na província de Ourense. Ela existe agora para nós e ... deve poder explicar alguns factos respeitantes à obra de Johan Servando. Alegre-se connosco, por favor, que temos razão para isso.

Mais tarde, em 1986, num texto com o título “Pressupostos históricos e geográficos à crítica textual no âmbito da lírica medieval galego-portuguesa: 1. *Quel da Ribera* 2. A romaria de San Servando”, anotarà com precisão:

Mas se nenhum dos cantores de santuário canta mais do que um santo e nenhum santuário (se excluirmos Sant'Iago) tem mais do que um cantor, este exclusivismo torna-se ainda mais interessante no caso de Johan Servando, porque, como poeta sem perfil histórico, ao nome do Santo deve ele o apelido e a individualidade poética. Johan Servando é, verdadeiramente, o Johan ... de San Servando. Torna-se, portanto evidente que, para a compreensão deste Cancioneiro individual e da personalidade do seu autor, para o conhecimento do *porquê e para quem escreveria* (elementos indispensáveis ao correcto entendimento dos textos) não poderemos prescindir da interpretação deste dado. A primeira operação que se impõe é a localização geográfica da romaria de San Servando ...²

6. “Em tempo e meio tempo de uma vida”, escrevi no início desta invocação da minha amizade pela Elsa, um privilégio extraordinário que me foi concedido em tempos de Roma. Não sei contar com virtudes o que foi correndo nesse tempo e meio tempo de diálogos amigos, mas tentei contar apenas dois dos instantes da continuidade que ligam a vida das pessoas, lembrando sempre o que é a grande alegria dos momentos excepcionais de revelação humana, o que é o viver com os outros de forma a nos podermos registar na hospedaria dos encontros ao lado do nome dos amigos. Hospedaria essa onde tudo começa e onde nada devia acabar.

Todavia eu sei também que a partir de agora nada será como foi dan-tes por ter chegado uma noite de paz que trouxe repouso a quem tanto o mereceu.

Isabel ALMEIDA (Lisboa)

“Mas afinal, Senhora Doutora, quem era a Navarra?” De tanto querer registar tudo, a aluna esquecia-se de compreender a aula: a história das grandes crónicas medievais; a construção de sentidos identitários, em laboriosos processos de cópia, refundição, metamorfose; a densidade das relações travadas a uma escala peninsular. A Professora Elsa Gonçalves guiava-nos, seguindo o caminho ou a peregrinação dos textos, historiográficos e outros, atentíssima à sua lição, à sua letra, porque sabia que da letra depende o espírito. Imensamente delicada e frágil, ensinava-nos – continua a fazê-lo, na minha lembrança – a generosa firmeza de quem acredita que o estudo é irmão da vida e que vale sempre a pena a busca da verdade.

² *Ibidem*, pp. 105-6.

Carlos ALVAR (Alcalá)
Elsa Gonçalves

Cuando a mediados del mes de febrero de este 2022 me enteré de que Elsa nos había dejado, ya nonagenaria, mi impulso fue tomar el volumen que en el año 2016 le publicó la Real Academia Galega bajo el título *De Roma ata Lixboa. Estudos sobre os cancioneiros galego-portugueses*. En él, a través de treinta trabajos de Elsa, hay una granada representación de su quehacer intelectual, de sus preocupaciones como investigadora; pero hay mucho más que eso.

Este primer impulso no fue resultado de una fuerza meramente afectiva. Recordaba, porque había tenido el libro entre mis manos no hacía mucho tiempo, que el volumen se abría con una foto de Elsa: es forma habitual en los homenajes para hacer que perviva la imagen de la persona homenajeada. La curiosidad nos mueve a buscar, en los rasgos allí fijados, el “alma” a través de la fisonomía. En el caso del libro citado, algo de la fotografía debió llamar mi atención: sí, era Elsa; ahí está con su elegancia contenida, con su mirada aguda, inteligente, de ojos pequeños y gafas grandes, con una sonrisa apenas esbozada: se divierte en silencio. Busca el rigor filológico con afán de la vista y diversión interior, a veces compartida con Anna Ferrari, como indica en la dedicatoria de su artículo sobre Alfonso X, Joan Rodríguez y la Balteira (*Cultura Neolatina* LXXIII, 2013); otras veces, con Maria Ana Ramos, que colaboró con ella en la utilísima antología de lírica gallego-portuguesa (Lisboa 1983; 2ª ed. 1985); a menudo con las dos ... Sin embargo, en la foto no se aprecia la aparente fragilidad de Elsa; fragilidad sólo aparente, pues en realidad era mujer segura y educada, con educación y amabilidad cortesas, donde no cabe una palabra más alta que otra, ni una expresión fuera de lugar; donde los sentimientos se dominan y el trabajo los encubre. Era una amiga sólida y firme.

Los recuerdos empiezan a volar, ¿cuándo nos encontramos por primera vez? Quizás fuera en alguna velada en casa de Luciana Stegagno Picchio, pues en 1976 me llegó la *Tavola Colocciana*, con una tarjeta de Maria Elsa de Jesus Gonçalves. De lo que no tengo ninguna duda fue de que nuestra relación se hizo más continua a partir de 1984, con motivo de un congreso sobre Alfonso X que tuvo lugar en la Universidad de Murcia; después, Elsa fue una asidua participante en los congresos de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval y, gracias a estas reuniones, nuestro trato se fue estrechando, por el mutuo interés en las “leituras trovadorescas”, como me dijo en alguna ocasión, y por el afecto que sentíamos por amigos comunes de Lisboa y Roma, además del inagotable Celso F. Cunha. Es imposible recordar a Elsa sin pensar de inmediato en Maria Ana Ramos y Anna Ferrari. Y ahora, pasados los años, al mirar hacia atrás me doy cuenta de lo afortunado que fui por

mis experiencias académicas, pues las decisiones juveniles, simple fruto de un interés personal, me llevaron a coincidir con personas extraordinarias en los años setenta y ochenta, maestros primero y amigos hospitalarios y generosos después. Era cuestión de tiempo que coincidiera con Elsa y, evidentemente, el destino se cumplió muy pronto.

Elsa publicó en 1976 el fruto de muchos años de trabajo y no pocos desvelos: la *Tavola Colocciana*. La Fundação Calouste Gulbenkian, a través de sus *Arquivos do Centro Cultural Português* se ocupó de la publicación (vol. X, 387-448; la separata tiene numeración independiente). Era el primer trabajo de Elsa, si exceptuamos un par de reseñas en las que demostraba un profundo conocimiento de la lírica gallego-portuguesa. También es el primer trabajo suyo que se recoge íntegro en *De Roma ata Lixboa*. Nunca una biografía académica pudo tener mejor comienzo, ni un homenaje podía presentarse con un preludio más justo.

El conjunto de la obra de Elsa, recogido en gran medida en *De Roma ata Lixboa*, se caracteriza por la presencia de tres temas fundamentales: la constitución y tradición textual de los Cancioneiros; la terminología poética y la interpretación de las composiciones; y la fascinación por la obra de D. Denis. Cuando se le hablaba, o mejor, se le preguntaba, sobre algún aspecto relacionado con esos temas, Elsa se transformaba como una planta regada en el momento adecuado: le resplandecía la cara y le brillaban los ojos no por el deseo de mostrar su sabiduría, sino por la posibilidad de prestar una ayuda a la que siempre estaba dispuesta; no era orgullo, sino humilde ofrecimiento de su modestia; y escuchaba con atención, mientras caminaba con pasos cortos, intentando adaptar la marcha al fluir de las ideas de su interlocutor: la respuesta era siempre adecuada, precisa, sin adornos innecesarios; creo que no quería abrumar.

No se limitaban los conocimientos de Elsa a cuatro verdades aprendidas y otras tantas fruto de su capacidad deductiva; basta hojear el volumen para comprender, por si quedara alguna duda, que Elsa fue una gran romañista, capaz de explicar los términos más oscuros de las cantigas de escarnio, con un capacidad enorme para establecer relaciones impensables: en definitiva, para enseñar.

Cierro el libro y quedan en mi memoria Elsa, su trabajo, su discreta presencia en todo momento y sus palabras suaves, delicadas. Un recuerdo agradable, con el sabor de los tiempos juveniles, con la seguridad de la amistad para siempre. Y, el marco de muchas ciudades entre las que destacan en el corazón Lisboa y Roma.

Somos pura memoria.

Fabio BARBERINI (Girona)

Ostinato rigore. Ricordo di Elsa Gonçalves

Ho conosciuto Elsa Gonçalves, ma non di persona, nel gennaio del 2004. Poco più che ventenne e al secondo anno di Portoghese, mi accingevo a scegliere l'argomento della tesi di laurea. Una cosa avevo chiara: non sarebbe stata di galego-portoghese. Da un lato (l'età sia di scusa allo sproposito) non capivo perché ci si dovesse affannare tanto intorno a quelle 'canzoncine' dalla struttura monotona e ripetitiva (quasi infantile) in cui fanciulle per lo più abbandonate lamentavano le loro pene d'amore nelle pinete di Lisbona o sulla *ria* di Vigo; dall'altro, quell'indigente tradizione manoscritta (tre canzonieri – tutti per varie ragioni 'infortunati' – e due frustoli di pergamena) poneva una serie di problemi spaventosamente complessi, alla soluzione dei quali poco o nulla avrebbero potuto apportare le mie modeste doti intellettuali. Scelsi così un argomento moderno: la poesia di Eugénio de Andrade (1923-2005). Non potevo sapere, all'epoca, né che Elsa Gonçalves conosceva personalmente Eugénio de Andrade¹ né soprattutto che, di lì a poco, entrambi – ma, *ça va sans dire*, in modi diversi e complementari – mi avrebbero introdotto alla sottile raffinata arte delle *cantigas* galego-portoghesi, l'uno con gli strumenti del poeta, l'altra con quelli del filologo.

Nel gennaio del 2004, Anna Ferrari, di ritorno da un viaggio a Lisbona, mi convocò nel suo studio. La chiamata non prometteva niente di buono, ma invece della solita paternale – o 'maternale' come ad Anna piace dire (il dibattito in corso non ha ancora prodotto soluzioni bilateralmente condivise) –, mi fu consegnata una copia dell'antologia di *cantigas* galego-portoghesi curata nel 1983 da Elsa Gonçalves per la Editorial Comunicação di Lisbona², volume che, nonostante abbia formato generazioni di studenti non solo portoghesi, era ormai fuori catalogo da quasi vent'anni. Il dono veniva da parte sua e – Anna tenne a precisarlo – di Elsa; la dedica («per Fabio Barberini ... la lettura giusta!»), me ne chiarì immediatamente le ragioni. Qualche mese prima, a lezione, era saltata fuori dal mio zaino un'antologia di poesie galego-portoghesi uscita sette anni prima, che fu immediatamente fulminata dal disprezzo di Anna: «Ah, così lei legge <...>?». Stavo per dire che l'a-

¹ Oltre all'amicizia personale, Elsa Gonçalves aveva curato la revisione critica del testo della selezione di *cantigas* galego-portoghesi accolta da Eugénio DE ANDRADE nella sua *Antologia Pessoal da Poesia Portuguesa*, Porto 1999, pp. 11-43 (con una nota filologica di Elsa Gonçalves, nelle note complementari a conclusione del volume).

² *A Lírica Galego-Portuguesa*, Apresentação crítica, selecção, notas e sugestões para análise literária de E. GONÇALVES, critérios de transcrição, nota linguística e glossário de M.A. RAMOS, Lisboa 1983 (2ª ed. 1985).

vevo comprata quella mattina stessa, per due euro (2€!), in una delle bancarelle di libri vecchi (e vario ciarpame) che gravitavano intorno alla Facoltà di Lettere, e che non avevo la più pallida idea di che tipo di libro fosse. Ma non ne ebbi il tempo. ‘La Ferrari’ tagliò corto: «Fabio, con quei soldi avrebbe fatto meglio ad andare al cinema!». Inutile ribattere che con due euro (*sic!*), al cinema, non avrei comprato neppure i pop-corn ... Ma tant’è. L’antologia di Elsa veniva a correggere le mie stolidi letture galego-portoghesi e io non potevo, ovviamente, che rallegrarmene. Nel pomeriggio scrissi a Elsa per ringraziarla del dono e a quel primo timido contatto ne sarebbero seguiti molti altri, nei diciotto anni successivi, per scambio di auguri nelle feste comandate e, soprattutto, per mie richieste di suggerimenti e consigli, sempre evase da Elsa con la ben nota generosa competenza e disponibilità.

Anni dopo, nella sua casa di Restelo, avremmo riso di quel primo incontro ‘non di persona’. Io affermavo d’aver avuto due numi tutelari, Eugénio de Andrade e la stessa Elsa che, curiosa coincidenza, erano nati (ancorché a distanza di anni) lo stesso giorno: il 19 gennaio, uno (come amava dire) *numa daquelas aldeias da Beira Baixa que prolongam o Alentejo*; l’altra nella fredda Guarda, di così suggestiva memoria trovadoresca³. Elsa allora ribatteva che, se proprio avessimo voluto parlare di premonizioni fatali, l’analogia sarebbe stata molto più profonda: entrambi (Elsa e io) avevamo scelto, per le nostre rispettive tesi, non solo un argomento moderno, ma precisamente *um Eugénio*: Elsa, Eugénio de Castro, convinta di odiare la filologia⁴; io, Eugénio de Andrade, convinto per un verso che le *cantigas*, tutto sommato, non fossero poi da prendere tanto sul serio e, per l’altro, che la *critique génétique* fosse più affascinante della critica testuale *tout court*. Ma, d’altra parte, come recita l’adagio lusitano, *Deus escreve direito por linhas tortas*.

Se la formazione d’un filologo potesse rappresentarsi con uno stemma simile a quello che si disegna per i manoscritti, nella mia genealogia di scolaro posso sicuramente tracciare una *linha torta*, di contaminazione, che pro-

³ In un’intervista raccolta da Henrique Monteagudo, Elsa Gonçalves diceva: «Eu son da Guarda, así que de nacemento teño atrás xa a cantiga “Ai eu coitada! Muito me tarda meu amigo na Guarda”» (X.H. MONTEAGUDO ROMERO – X.B. ARIAS FREIXEDO, *Conversa con Elsa Gonçalves e Anna Ferrari en Compostela*, in «Grial. Revista galega de cultura», 108, 1990, pp. 477-490: 478; qui a p. 187).

⁴ Cf. *ibidem*, pp. 478-479 (qui a p. 187): «saín da Universidade de Coimbra xulgando que odiaba a Filoloxía, e por iso escollín unha tese de Literatura Moderna. Despois dunha experiencia de tantos anos de ensino no Liceo (Instituto de Ensino Medio) fun descubrir a Roma, onde trabalhei sete anos como lectora de Lingua Portuguesa, que o que a min me gustaba era a filoloxía, entendida como estudio da literatura medieval. Traballando no Instituto de Estudos Portugueses e Brasileiros, eu estaba institucionalmente inserida no Instituto de Filoloxía Románica dirixido por Aurelio Roncaglia e foi así como me fixen a súa discípula».

cede direttamente dal ‘ramo collaterale Gonçalves’. Ma ‘contaminazione’ si fa per dire, visto che Elsa procedeva, filologicamente, dalla stessa tradizione, ovvero la ‘Scuola romana di Filologia Romanza’ guidata per oltre cinquant’anni dal magistero di Aurelio Roncaglia: lei per discendenza diretta; io, *codex recentior*, attraverso il ‘subarchetipo Ferrari’.

Mi riesce difficile, però, parlare di Elsa: per l’affetto profondo e reciproco – generoso da parte sua, immeritato per quanto mi riguarda –, e (le rubo un *exergon*) per le «*muitas lições de Ciência e de Vida*»⁵ di cui le sarò sempre grato debitore. Ma mi riesce difficile, soprattutto perché parlare di Elsa vuol dire, in certa misura, parlare di me e di come il destino, bizzarro e benevolo al tempo stesso, abbia collocato Elsa in tappe rilevanti della mia formazione, laddove io, di assai scarso senso dell’orientamento (anche accademico), mi affannavo a muovermi in altre direzioni. Quando, nel 2006, per uno *stage* formativo presso l’editore Mucchi di Modena fui ‘precettato’ nella redazione di *Cultura Neolatina*, il primo articolo che mi fu dato da *vuolizzare* (‘lessico famigliare’ della rivista: “preparare i materiali per la stampa”) fu precisamente un articolo di Elsa Gonçalves che si occupava d’una curiosa nota colocciana (*triplici correctus amore*) a margine d’una cantiga di Pero Garcia Buralês (*Joana, dix’eu, Sancha e Maria* A104/B221)⁶; mai avrei immaginato, però, né che anni dopo avrei fatto più volte ricorso a quell’articolo, né che gli *Scholia* di Colocci al Canzoniere portoghese **B** sarebbero stati uno degli scogli sui quali più di frequente si sarebbe incagliata *la navicella del mio ingegno*. Quando, nel 2013, il Comitato di Redazione di *Cultura Neolatina* mi ha accolto tra i suoi membri, fu di nuovo un articolo di Elsa il primo testo da ‘vuolizzare’. Questa volta l’argomento era la sconcia *cantiga* alfonsina della *midida d’Espanha / ca non de Lombardia nen d’Alamanha; / e, por que é grossa, non vos seja mal, / ca delgada pera gata ren non val* (*Joan Rodriguiz foi esmar a Balteira*: B481/V64). Il problema esegetico era affrontato senza ingombranti pregiudizi o *pruderies*. Elsa – con un ragionamento di cartesiano rigore e una scrittura di cristallina chiarezza – affondava nei nodi ancora irrisolti del testo il bisturi affilato e preciso dell’analisi sintattica, unico fonda-

⁵ La citazione è parte dell’*exergon* con cui Elsa GONÇALVES dedicava *Para o Professor José V. de Pina Martins, / a cuja sabedoria e amizade devo tantas lições de Ciência e de Vida* l’articolo “*Triplici correctus amore*”. A proposito de uma nota de Angelo Colocci no Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa, in «*Cultura Neolatina*», LXVI (2006), pp. 83-104; oggi riedito in EAD., *De Roma ata Lisboa. Estudos sobre os Cancioneiros galego-portugueses*, ed. de J. Dionísio, M.A. Ramos, H. Monteagudo, A Coruña 2016, pp. 405-423.

⁶ Cf. nota precedente.

mento sicuro dell'*interpretatio*⁷. Un magistrale esempio, insomma, di quella 'microfilologia' – termine a lei così caro – che a partire dall'esame d'una difficoltà puntuale del testo era in grado di gettare nuova luce sull'autore studiato e la sua opera.

Ma Elsa era lì soprattutto quando, nel 2014, per un omaggio ad Anna Ferrari, affrontai pubblicamente per la prima volta un testo galego-portoghese riesaminando l'attribuzione della *cantiga* A185, trådita dal solo A e ascritta da António Resende de Oliveira al trovatore Estevan Travanca⁸. Di questa attribuzione non mi ero mai fatto persuaso, già da quando, ancora studente, ne ero venuto a conoscenza. A mio avviso, per questioni formali (metriche, in primissimo luogo) la *cantiga* aveva maggiori probabilità di appartenere a Estevan Reimondo. Terminato l'articolo, lo inviai in lettura a Maria Ana Ramos – Anna, Elsa, Maria Ana ... *tre donne intorno al cor mi son venute* – e con mia grande sorpresa venni a sapere che le conclusioni del mio contributo coincidevano con quanto esposto da Elsa Gonçalves in una comunicazione congressuale del 2004 (lo stesso anno, altra coincidenza 'paranormale', in cui *de lonh* avevo conosciuto Elsa), all'epoca ancora inedita (sarebbe stata pubblicata solo nel 2016)⁹. I due contributi non si escludevano a vicenda, e l'articolo fu stampato quello stesso anno nel volume LXXIV di *Cultura Neolatina*. Nel riguardare, oggi, l'indice del fascicolo, ho un nodo alla gola. Nella successione degli articoli, la mia *cantiguinha* è collocata immediatamente a seguire un lavoro di Elsa Gonçalves su una *cantiga* di Martin Moxa ("*Logar*": *uma metáfora amorosa na lírica galego-portuguesa*), un altro prezioso esercizio di micro-filologia che, in quella prospettiva comparativa così poco frequentata dagli specialisti del settore, illumina un *lugar* del testo di non limpida lettura ricorrendo a numerosi esempi di lirica romanza (provenzale, in prima istanza, ma non solo)¹⁰.

Ma ho un nodo alla gola, soprattutto, perché nei mesi in cui in Redazione stavamo preparando quel fascicolo (settembre-ottobre 2014), Elsa e io non eravamo solo, scientificamente, coinquilini nelle pagine della 'nostra' rivista,

⁷ E. GONÇALVES, *Sintaxe e interpretatio*: Alfonso X, "*Joan Rodriguiz foi esmar a Balteira*" (B 481/ V 64), in «Cultura Neolatina», LXXIII (2013), pp. 13-24; oggi riedito in EAD., *De Roma ata Lixboa* cit. n. 5, pp. 555-565.

⁸ Cf. A. RESENDE DE OLIVEIRA, *Depois do Espectáculo Trovadoresco. A estrutura dos cancioneros peninsulares e as recolhas dos séculos XIII e XIV*, Lisboa 1994, pp. 70-72 e 335.

⁹ E. GONÇALVES, *Trovadores 'menores' no Cancioneiro da Ajuda*, in M.A. RAMOS – T. AMADO (coords.), *À Volta do Cancioneiro da Ajuda. Actas do Colóquio Cancioneiro da Ajuda (1904-2004)*, Lisboa 2016 [ma con contributi del 2004], pp. 183-202; poi riedito anche in EAD., *De Roma ata Lixboa* cit. n. 5, pp. 591-609.

¹⁰ E. GONÇALVES, "*Logar*": *uma metáfora amorosa na lírica galego-portuguesa*, in «Cultura Neolatina», LXXIV (2014), pp. 145-156; oggi riedito in EAD., *De Roma ata Lixboa* cit. n. 5, pp. 567-576.

ma eravamo anche seduti allo stesso tavolo, nella sua casa di Restelo: ufficialmente per riprendere, insieme ad Anna Ferrari (che mi aveva voluto come ‘aiutante’ nell’impresa), un loro vecchio progetto di allestimento delle tavole del Colocci-Brancuti per la sezione portoghese di «*Intavulare*»; ufficiosamente, e all’insaputa di Anna Ferrari (che con tutta probabilità ce lo avrebbe impedito con ogni mezzo), per rivedere e correggere le bozze d’un volume in cui, per omaggiare l’uscita di Anna dai ranghi universitari, la Redazione di *Cultura Neolatina* aveva raccolto alcuni suoi lavori di lirica galego-portoghese, indagata nei rapporti con la ‘madre-lirica’ provenzale. La Redazione aveva affidato a Elsa il *Prologo* e a me la curatela editoriale del volume¹¹. Benché il frontespizio del volume certifichi questa partizione del lavoro e la stessa Elsa la ratifichi, con immensa generosità, nelle prime righe del suo *Prologo*¹², non avrei mai potuto portare a termine l’incarico affidatomi se, prima a stretto giro di posta elettronica e poi di persona a Restelo, non avessi potuto discutere con Elsa tutti gli interventi praticati nel testo degli articoli.

Mi è impossibile dire quanto siano stati importanti per me quei mesi lisboeti nell’autunno del 2014, non solo ovviamente per le cose che ho potuto imparare, ma soprattutto perché ho avuto il privilegio, non solo di vedere Elsa lavorare (come mi sarei aspettato quando Anna Ferrari mi chiese di dar loro una mano per le tavole del Colocci-Brancuti), ma di lavorare io stesso gomito a gomito con Elsa.

Non potrò mai dimenticare, quando durante le faticose sessioni collociane, Elsa Gonçalves sospendeva il rigore dei suoi ragionamenti e, alzando gli occhi dal facsimile di **B**, mi chiedeva con un sorriso ingegnoso: «E o Fábio? O que é que acha?». E o Fábio, dall’altro lato della scrivania, appollaiato su un tavolino appositamente predisposto per l’‘aiutante’, cercava di formulare risposte all’altezza della situazione, a volte sensate (poche), e accolte da loro con soddisfazione; altre meno sensate (molte) ma sempre corrette da Elsa con la sua rassicurante e affabile disponibilità pedagogica. E, di fatto, quello per cui le sarò sempre grato è proprio la stima che accordò in quel momento a uno studente, certo volenteroso, ma che ancora era lontano dal dimostrare quello che sapeva/poteva fare.

¹¹ A. FERRARI, *Trobadors e trobadores*, Prologo di E. Gonçalves, a c. di F. Barberini, Modena 2014.

¹² Cf. *ibidem*, p. 19: «Da un’idea di Fabio Barberini, attento curatore della pubblicazione, è nato questo bel volumetto in cui sono raccolti tre studi di Anna Ferrari dedicati a uno dei settori da lei frequentati con particolare fervore ed assiduità: la lirica galego-portoghese, qui studiata nelle sue relazioni con la lirica provenzale. La “prologhista” non può che congratularsi con l’iniziativa, lodevole per varie ragioni, soprattutto perché si tratta di testi pubblicati in sedi diverse, non sempre facilmente accessibili».

Ma non potrò mai dimenticare neppure le altrettanto faticose sessioni di revisione del volume Ferrari, lontano dallo sguardo severo dell'omaggiata e a sua totale insaputa. I passaggi che richiedevano interventi editoriali erano sempre all'origine di importanti spiegazioni, formulate con la capacità di Elsa – concessa davvero a pochissimi – di chiarire anche le cose più difficili con assoluta naturalezza, tanto da farle sembrare (pur non essendolo) persino facili. Ma il rigore della revisione non impediva che nella conversazione cadesse di tanto in tanto anche curiosi aneddoti sulla “Sapienza” romana negli anni '60 e '70, su episodi più o meno divertenti di vita accademica e di partecipazioni congressuali, oltre che su argomenti più ameni e, apparentemente, meno filologici (alcune *piadas* sui medici portoghesi, tra le altre, e un giorno ci ritrovammo a parlare anche della maniera migliore per arrostitire le anguille ...).

Di là dai ricordi personali, però, parlare di Elsa per me vuol dire soprattutto parlare – prendo a prestito ancora una volta un suo titolo – d'*un modo di essere filologa*¹³. All'estrema razionalità dei ragionamenti, al profondo rigore delle argomentazioni e alla ferma capacità di separare la dimensione privata e affettiva da quella professionale, si aggiungevano non comuni qualità umane, che hanno fatto di Elsa Gonçalves un saldo punto di riferimento per tutti noi che, per una ragione o per l'altra, ci siamo ritrovati a bussare alla sua porta per chiedere consiglio. E quella porta, lo sappiamo bene, non è mai rimasta chiusa. Chi l'ha varcata sa con quanta affabilità veniva accolto. E sa bene che ha sempre trovato in Elsa un interlocutore attento e un saggio consigliere. Una capacità d'ascolto e un'apertura al dialogo, quelle di Elsa Gonçalves, che oggi purtroppo sono diventate merce molto rara, soprattutto nell'ambiente accademico, ma che i lettori delle prossime generazioni potranno ritrovare intatte – anche se mancherà ad essi la possibilità del contatto diretto – negli scritti di Elsa. Negli articoli, certamente, ma anche nelle recensioni. È in queste ultime che Elsa si è sempre dimostrata attenta e aperta alle ragioni dell'altro, senza prevaricazioni e senza quelle sterili polemiche che, il più delle volte, lungi dal risolvere realmente i problemi, sviano l'attenzione da questioni scientifiche a 'conti in sospeso' tra recensore e autore recensito. Le ragioni del dissenso – è evidente fin dal suo 'debutto': la recensione, nel 1972, alle difficili *cantigas d'escarnho* di Manuel Rodrigues Lapa¹⁴ – sono sempre

¹³ Mi riferisco al titolo dell'intervento *in memoriam* di Aurelio Roncaglia pronunciato da Elsa Gonçalves all'Accademia nazionale di Scienze, Lettere e Arti di Modena, il 19 ottobre del 2002, e poi pubblicato negli atti: E. GONÇALVES, *Aurelio Roncaglia: un modo di essere filologo*, in P. Paradisi – C. Robustelli (ed.), *La Filologia Romanza oggi. Atti della Giornata di Studio in onore di Aurelio Roncaglia*, Modena 2004, pp. 55-63.

¹⁴ E. GONÇALVES, *Recensione* di M. RODRIGUES LAPA, *Cantigas [d'escarnho e de maldizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses]*, 2ª Edição, revista e acrescentada, [Vigo] 1970, in «Cultu-

esprese con cortese rispetto, le obiezioni mosse con quella fermezza che solo può garantire un ragionamento ben pensato e un'argomentazione altrettanto ben costruita. Molti sono gli esempi in tal senso a cominciare (oltre che dalla recensione a Lapa) dal *compte rendu* dello studio di Anna Ferrari su **B**. L'amicizia di lunga data che la legava all'autrice dello studio recensito non ha impedito a Elsa Gonçalves di formulare rigorose osservazioni sulla struttura di **B** che, valorizzando il lavoro di Ferrari, correggono e precisano l'analisi di settori molto complessi del Canzoniere collociano come, ad esempio, la provenienza delle ultime due carte dell'attuale fascicolo 5 dalla fine del fascicolo 14 e il geniale modello matematico messo a punto per dimostrare la natura posticcia (poi confermata in sede di restauro) dell'attuale foglio esterno del fascicolo 35, con il conseguente importantissimo riscontro, in quel settore, della lacuna d'un intero fascicolo¹⁵.

Sì, parlare di Elsa Gonçalves vuol dire parlare d'un modo di essere filologa che procede dall'umiltà di chi sa di aver fatto bene il proprio lavoro e di aver sempre rispettato il lavoro degli altri. L'umiltà di chi non chiede altro che continuare a godere della faticosa gioia della ricerca – faticosa, certo, per lo studio, ma quanta allegria per i risultati raggiunti! – e di dividerne il frutto con amici e colleghi. Se si scorre l'indice del volume che, nel 2016, ha raccolto i 30 principali contributi di Elsa Gonçalves alla filologia galego-portoghese¹⁶, si può notare che almeno 6 titoli – e non di secondaria importanza sia nella bibliografia di Elsa, sia nel nostro settore di studi – sono stati offerti in dono a miscellanee accademiche d'occasione per maestri e/o amici/colleghi (Aurelio Roncaglia, Giuseppe Tavani, Cleonice Berardinelli, Teresa Amado, Valeria Bertolucci Pizzorusso e Ivo Castro); mentre un numero consistente di interventi procede invece da atti di congresso. Due tipologie di contributo – il testo per una miscellanea e la relazione di convegno – che oggi le moderne griglie di valutazione della ricerca tendono a non riconoscere come titoli sufficienti per ricevere abilitazione a questo o quel grado accademico. Ma se da un lato, probabilmente, la *vírgula maníaca do modo funcionário de viver* (come recita un agghiacciante verso di Alexandre O'Neil) negherebbe ai giorni nostri l'abilitazione a Elsa Gonçalves, dall'altro nessuno, al di fuori dei rigidi parametri di valutazione, metterebbe in discussione il valore di quei

ra Neolatina», XXXII (1972), pp. 153-164.

¹⁵ E. GONÇALVES, *Compte rendu* di A. FERRARI, *Formazione e struttura del Canzoniere Portoghese della Biblioteca Nazionale di Lisbona (Cod. 10991: Colocci-Brancuti). Premesse codicologiche alla critica del testo (Materiali e note problematiche)*, in «Arquivos do Centro Cultural Português», XIV (1979), pp. 27-142, in «Romania», 104 (1983), pp. 403-412; oggi riedito in EAD., *De Roma ata Lixboa* cit. n. 5, pp. 89-98.

¹⁶ GONÇALVES, *De Roma ata Lixboa* cit. n. 5.

contributi, tanto più che quasi esclusivamente nelle pagine delle miscellanee si annida il prezioso scavo esegetico di Elsa negli *escarnhos* di D. Denis. Il pensiero corre, rapido e parallelo, agli scavi rolandiani di Aurelio Roncaglia che, prima della loro riedizione in volume nel 2012¹⁷, circolavano precisamente tra volumi d'occasione e atti di convegno. La lezione dei maestri, evidentemente, attecchisce e dà frutto anche nella scelta delle sedi editoriali.

Ma dopotutto, forse, il senso ultimo nel nostro lavoro consiste proprio in questo: in una fragile eredità che riceviamo in dono da chi ci ha preceduto con l'implicito obbligo di preservarla e trasmetterla, se non accresciuta, per lo meno intatta a chi verrà dopo di noi. Eugénio de Andrade (e concludo come ho iniziato) ha scritto che

temporal, por excelência, a palavra do poeta é uma palavra *preocupada*. Ele sabe que o seu trabalho é preservar, sem os corromper, uns sinais que, apesar de frágeis, têm a força prodigiosa de revelar o homem ao homem. Como continuar tão delicada e preciosa tarefa? Como erguer a voz sem que se torne eco de qualquer superstição? Cada poeta acabará por descobri-lo sozinho, com alegria e angústia, pois ninguém aqui o pode ajudar. Entre obediência e rebeldia, entre norma e transgressão, caminhará inseguro, sabendo que tudo lhe é permitido para aumentar a herança e tudo lhe é interdito para a dissipar¹⁸.

Se a *poeta* sostituissimo il termine *filólogo* avremmo una descrizione, forse approssimativa ma fondamentalmente esatta, del nostro lavoro. O per lo meno, credo che sia in questo modo che Elsa Gonçalves ha sempre inteso e praticato il nostro *ofício*.

Adeus, Senhora Professora. Se esiste davvero quel Dio al quale nelle sue preghiere ha sempre raccomandato anche noi studiosi di empiria vita, sono sicuro che l'avrà già accolta con tutti gli onori che merita. E se, per caso, da quelle parti ci fosse anche Angelo Colocci (direi più per meriti d'ingegno), lo rimproveri da parte nostra, con la sua affabile cortesia, per l'exasperante disordine che ci fa ancora disperare.

¹⁷ Cf. AU. RONCAGLIA, *Epica francese medioevale*, a c. di A. Ferrari – M. Tyssens, Roma 2012.

¹⁸ EU. DE ANDRADE, *Da palavra ao silêncio*, in Id., *Antologia Breve*, Porto 1972 (= 1ª ed.: Editorial Inova), pp. 75-89: 87.

Mercedes BREA (Santiago de Compostela)

Non sabería dicir cando coñecín a Elsa. É obvio que o primeiro contacto foi a través dalgúns dos seus traballos e da magnífica e suxestiva antoloxía que publicou en colaboración con M^a Ana Ramos; tamén é probable que coincidísemos nalgún congreso sen chegar a manter unha conversa directa.

Os meus primeiros recordos de Elsa como persoa están asociados á proposta que fixen de organizar en Santiago (alá pola década de 1980) un programa de doutoramento sobre lírica galego-portuguesa e crítica textual, para o que, evidentemente, resultaba imprescindible contar co maxisterio presencial, entre outros sabios e aprezados colegas, dun trío de damas, “as tres Gracias” (lembramos a nota colocciana *triplici correctus amore*, explicada por Elsa en 2006) que, por fortuna, volveríamos logo a ter con nós en numerosas ocasións, entre elas o inesquecible congreso de 1993 sobre *O cantar dos trobadores*.

Elsa, Valeria, Anna ... foron tantos os paseos e conversas compostelanos (e noutros lugares aos que acudiamos para asistir a congresos) que resulta difícil detallalos. Só me vou permitir comentar como anécdota pouco académica que Elsa e Valeria, máis responsables e sensatas ca nós, non adoitaban acompañarnos a Anna e a min cando faciamos unha escapada á tenda de Roberto Verino por moito que as tentásemos.

Entre as numerosas ocasións en que puideren disfrutar das súas leccións, recordo especialmente o moito que nos ensinou sobre Don Denis no congreso da AHLM celebrado en Lisboa, congreso do que lembro tamén, entre outras cousas, aquel esperpéntico almorzo no mosteiro de Alcobaça, despois de escoitar – interrompida constantemente polo ruído dos camións que circulaban a carón da sala na que estabamos – unha espléndida ponencia sobre a roda da Fortuna nos sepulcros de D. Pedro e Dna. Inés pronunciada por outro mestre que, lamentablemente, nos abandonou antes ca Elsa, Serafín Moralejo.

Elsa tiña a mesma idade que miña nai, e era coma ela de aspecto apacible, e de formas sempre impecables. Pero a intelixencia de Elsa permitíalle ser moi dura nas súas críticas sen que iso a levase a perder a compostura; e, sobre todo, permitíalle desmenuzar os textos para encontrar neles propostas novidosas e irrefutables, e explicalas cunha claridade extraordinaria. Non vou enumerar as súas aportacións, pero quen non ten como referencia obrigada o seu estudo e edición da *tavola colocciana*? Ou quen non parte do seu intento de identificación de *quel da Ribera* para intentar comprender cómo chegou ás mans de Colocci o *Libro di portughesi*?

Falando de Colocci, non podo rematar sen contar unha vivencia inesquecible con Elsa. Cando Paco Fernández Campo e máis eu tentabamos empezar o estudo das apostilas que o humanista foi deixando sobre B, coa pretensión de presentalas nunha comunicación no CILPhR de Zürich (1992), marchamos un fin de semana a Lisboa para solicitar a axuda de Elsa na comprensión de moitas daquelas anotacións que para nós eran case un galimatías. Ela acolleunos dunha maneira xenerosísima na súa casa, e puxo á nosa disposición todo o seu saber, e tamén todos os apuntamentos que ela fora tomando, con moitos problemas xa resoltos; non faltou siquera un convite a almorzar nun acolledor restaurante próximo á súa casa, que nos serviu de respiro entre as moitas horas encerrados os tres no seu estudo, revisando minuciosamente cada palabra escrita por Colocci. Lamentablemente, a edición completa, acompañada de estudo, das notas que Colocci nos regalou sobre B e (en moita menor medida) V veu finalmente a luz moi pouco despois de que ela nos deixase.

Penso que era daquela cando Elsa estaba realmente preocupada polas limitacións que lle causaba a terrible artrite que afectaba ás súas mans. Probara xa remedios diferentes, pero case desesperaba de dar algún día cunha solución que lle permitise continuar traballando como quería. E, non obstante, aínda foi capaz de escribir nas décadas seguintes un puñado de contribucións sempre enchidas de sutileza, sabiduría e ben facer. E foi unha tremenda alegría comprobar o seu excelente estado de saúde mental (certo que o corpo empezaba a acusar a idade) cando a Real Academia Galega lle fixo entrega, na Facultade de Letras de Lisboa, dese magnífico – e utilísimo – volume que, co título *De Roma ata Lixboa*, recolle unha parte moi significativa das súas contribucións a un mellor coñecemento da tradición lírica galego-portuguesa.

Descansa en paz, querida Elsa. Telo ben gañado.

Isabel CEPEDA (Lisboa)

Elsa Gonçalves, como a conheci

Não fui colega nem aluna de Elsa, mas, desde que regressou de Roma e se fixou em Lisboa, alguém ma apresentou e me falou do seu percurso académico, e de como seria uma investigadora que enriqueceria sobremaneira, quer o Centro de Linguística, quer a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Daí em diante coincidi com ela em diversos congressos, conferências, reuniões de trabalho, relacionados com as matérias que nos interessavam, se bem que em âmbitos diversos.

Quero destacar a sua inteligência crítica, a ponderação que a tornaram uma referência incontornável nos estudos da lírica galego-portuguesa medieval, bem assim como algumas situações que definiram para mim o seu carácter, a sua maneira de estar na vida.

Outros poderão falar melhor do que eu da sua faceta de estudiosa da lírica trovadoresca e do seu talento como professora. Mas, quando se decidiu, no âmbito da Biblioteca Nacional, proceder à edição facsimilada e ao restauro do Cancioneiro que actualmente leva o nome dessa instituição, entre a Elsa, a Anna Ferrari e, por inerência, a minha pessoa, pois nessa altura trabalhava na Divisão de Reservados da BN, criou-se um clima de cumplicidade, de interesse mútuo, de amizade, que permaneceram pelos anos fora.

Quanto à edição facsimilada do códice, a publicação revelou-se algo atribulada. Tudo começou em Abril de 1979 aquando de uma ida do Prof. Giuseppe Tavani à Biblioteca Nacional para consultar o Cancioneiro. A conversa com Pedro da Silveira que, à época fazia parte da Comissão directiva, versou sobre a necessidade premente de proporcionar, por um lado, aos estudiosos da lírica galego-portuguesa um acesso fácil ao maior repositório da mesma e, por outro, preservar o códice de um manuseamento que atentava gravemente contra a sua preservação. Ainda nesse mês se resolveu pôr em marcha o projecto da edição facsimilada tendo-se acordado na formação de um grupo de especialistas para elaborar um texto de Introdução à edição (Estudo histórico-literário – Prof. G. Tavani; Estudo linguístico – Prof. Luís F. Lindley Cintra; Estudo codicológico – Dras. Maria Elsa Gonçalves e Anna Ferrari). Existe documentação na Divisão de Reservados que atesta o empenho de Elsa e de Anna neste projecto: informações, contactos, cartas, sempre em tom positivo. Com a tomada de posse do Dr. João Palma Ferreira como director da BN, em 1980, os esforços culminaram com a edição facsimilada do Cancioneiro da Biblioteca Nacional, em 1982, em parceria com a Imprensa Nacional.

O projecto de um volume II, com os estudos (que numa primeira abordagem seriam introdutórios) anunciado por Anna Ferrari no Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românica reunido em Málaga, em Abril de 1980, não chegou a ser concretizado, devido a imponderáveis, v.g. a doença do Prof. Lindley Cintra que o foi debilitando progressivamente.

O restauro do Códice deu-se mais tarde, no âmbito da campanha “Salve um Livro”, lançada pela directora da Biblioteca Nacional de então, Prof. Maria Leonor Machado de Sousa, com a qual se procuravam mecenas para restaurar livros que, por uma razão ou outra, mereciam ser resgatados da sua condição precária. Estávamos no ano de 1995.

Nesse contexto havia que dar orientações precisas a quem iria intervir, um códice que, à vista desarmada, não possuía a beleza de tantos outros da mesma época, mas que revelava o saber do humanista Angelo Colocci e riqueza da poesia galego-portuguesa. Com efeito é este Cancioneiro que alberga o maior número de composições, distribuídas pelos três géneros canónicos: cantigas de amor, cantigas de amigo e cantigas de escárnio e maldizer, que contém uma “Arte de Trovar” que, embora fragmentária, descreve os géneros em que se desenvolvem os textos da lírica galego-portuguesa, e ainda os comentários filológico-literários inscritos pelo humanista Colocci.

E assim começou o trabalho que se prolongou até 1997. A presença de Elsa Gonçalves era assídua nas próprias salas do Serviço de Restauro. E, quando surgiam dúvidas, de certa entidade, na constituição dos cadernos, por exemplo, a própria Elsa apelava para Anna Ferrari, que se deslocava a Lisboa. Numa das deslocações, vi surgir na Biblioteca a Anna apoiada em canadianas e com a perna engessada! Havia partido uma perna, mas não queria faltar à solicitação da Elsa que necessitava da sua opinião em determinado contexto para que o trabalho de restauro pudesse prosseguir.

Havia sessões de trabalho que culminavam com reuniões em tom acaalorado no próprio serviço de restauro em presença do códice e das técnicas, Teresa Araújo e Carmencita Albardeiro, que haviam sido incumbidas de tão delicada tarefa. Nesses dias de trabalho e de convívio, as conversas continuavam em almoços bem animados ...

Cabe-me, por fim, destacar também certos traços do carácter da Elsa com fundas raízes na sua terra natal, a cidade da Guarda. Um “Bem haja”, dito do coração e acompanhado de um sorriso, deixava na pessoa a quem desejava agradecer algo, mesmo que fosse de pouca entidade, um profundo reconhecimento e amizade sincera.

A vivência cristã fazia-a vibrar com manifestações de fé em que tomava parte ou em pequenos gestos de acompanhamento de amigos e colegas em situações difíceis. Revelo aqui o conteúdo de uma mensagem, de Agosto de 2015, que a Elsa me enviou aquando do falecimento da minha irmã Maria Elisa com quem contactava em reuniões de uma associação de professores: «Querida Isabel, apesar de saber que a sua irmã estava gravemente doente, a triste notícia apanhou-me desprevenida. Dizer-lhe que a acompanho com pesar é muito pouco: gostaria de a ter acompanhado presencialmente. Agora, rezo e espero que na Casa do Pai, onde há muitas moradas, Deus lhe tenha reservado o “espaço” de paz e alegria que a visão da *face d’Aquele que nos comprou* (expressão usada por D. Dinis numa das suas cantigas) proporcionará aos que O seguiram e amaram neste mundo».

Não é certamente este um testemunho único de como a Elsa no seu quotidiano vivia a fé que professava, mas revelador. Na sua relação humana com amigos e colegas, e a uma maior profundidade, descobria-se um novo tipo de relação, invisível, mais sólida e íntima, mas que era mais real, e é a única que permanece.

A própria Elsa a 19 de Janeiro de 2017, na sessão de homenagem e do lançamento do livro *De Roma até Lixboa*, na ocasião dos agradecimentos teve estas palavras bem expressivas: «Agradeço, em primeiro lugar, a Deus que me criou e me tem “criado” ao longo destes anos, ensinando-me a amar o silêncio e a contemplar a Sua presença nas pessoas e nas obras da criação».

Ângela CORREIA (Lisboa)

A Elsa Gonçalves dedicou as suas horas mais felizes ao estudo da lírica dos trovadores galego-portugueses e as suas horas mais (felizmente) atormentadas a escrever-nos sobre o incomparável conhecimento acumulado nesta área. Todos os seus alunos e colegas guardarão memória de a ver saltitar veloz, de fac-simile em fac-simile, de livro em separata, de estante em estante, na busca de uma resposta, explorando uma hipótese. Talvez nem todos se tenham apercebido dos tratos de polé que a escrita lhe merecia, até por fim exprimir, com exato rigor, o que pretendia transmitir. A poetisa Adília Lopes poderia ter escrito o poema *Arte Poética* para a Elsa Gonçalves: «Escrever um poema / é como apanhar um peixe / com as mãos / [...] o peixe debate-se / tenta escapar / escapa-se / eu persisto / luto corpo a corpo / com o peixe / ou morremos os dois / ou nos salvamos os dois / tenho de estar atenta / tenho medo de não chegar ao fim / é uma questão de vida ou de morte / quando chego ao fim / descubro que precisei de apanhar o peixe / para me livrar do peixe / livro-me do peixe com o alívio / que não sei dizer (*Dobra*, 2014, p. 13).

Vivendo nesta combinação de felicidade pelo desafio intelectual e de extrema autoexigência no rigor, tanto da investigação quanto no da escrita, a Professora Elsa Gonçalves tornou-se sinónimo incontestado de conhecimento sobre a poesia dos trovadores.

Costumava dizer, rindo, que se dedicava à «microfilologia», numa alusão às questões aparentemente pequenas que, por vezes, a ocuparam e à minúcia das suas abordagens. Mas a bibliografia que nos deixou é, e permanecerá, fundamental, não só pelas conclusões a que chegou em cada caso concreto, mas pelo exemplo dado em cada caminho percorrido. Exemplo maior constitui o estudo dedicado à Tavola Colocciana, índice do cancionero da Biblioteca Nacional (antigo Colocci-Brancuti), na qualidade de peça argumentati-

va no âmbito da discussão em torno do *stemma codicum* da lírica galego-portuguesa. Muitos outros exemplos poderiam invocar-se de como a resolução de concretos problemas científicos se tornaram lições de método e rigor. É o caso do estudo dedicado às sátiras de Don Dinis contra Joam Bolo, cujo alcance reinterpreto recorrendo a fundamentação exemplar. Ou o de «Tradição manuscrita e isometria», sobre a prática editorial de emendar lições manuscritas para restabelecer a isometria. Destacam-se na bibliografia da Elsa Gonçalves exemplos fundamentais da obrigação de atitude crítica, de questionamento permanente, tanto diante das lições manuscritas, quanto das edições críticas tornadas vulgatas. Quase sabemos de cor, por exemplo, a argumentação sabiamente fundamentada que levou à emenda de lições como «de Roma ata Cidade» ou «côme-o praga por praga». Sem esquecer estudos que se tornaram pontos de partida para tantos outros, quer pelo carácter modelar, quer por constituírem pontos de partida imprescindível, como os que dedicou às cantigas ateúdas e ao sistema das rubricas atributivas e explicativas.

Nos corredores da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde ensinou entre 1977 e 1989, tanto quanto nas salas de aula, a aproximação bastava para que a autoridade se instalasse. E sempre foi afável, no entanto; assim como gostava de rir quando a faziam rir, retribuindo com graça e inteligência. Embora sempre minuciosamente preparadas e empenhadamente transcorridas, as horas de ensino não eram horas felizes para a Elsa Gonçalves. No entanto, a sua docência na Universidade de Lisboa, mas também noutros lugares do mundo, onde participou em cursos de curta duração, marcou gerações de estudantes, tornados professores e investigadores, definitivamente cativados para o estudo da Literatura Medieval e da Crítica Textual. Em todos nós, reconhecemos a voz da Professora, sempre que nos lembramos da importância de convocarmos múltiplos saberes para o estudo da literatura, como a História, a Retórica, a Linguística e a Crítica Textual. O exemplo é o dela; o exemplo que foi cultivando desde Roma, onde esteve associada ao Leitorado de Português de La Sapienza e onde encontrou interlocutores especialmente estimados pelo desafio intelectual, como os Professores Giuseppe Tavani, Luciana Stegagno Picchio, Anna Ferrari, Valeria Bertolucci Pizzorrusso. Envolvida ali nas atividades do Instituto de Filologia Românica de La Sapienza, dirigido por Aurelio Roncaglia, que sempre considerou o seu mestre, regressou a Portugal com um pensamento crítico e um modo de investigação sobre a literatura medieval galego-portuguesa, cuja marca continua a reconhecer-se na investigação e no pensamento de muitos de nós, especialmente em Portugal e na Galiza, mas não só. Quando, em 1997, recebeu o grau de «Doutor Honoris

Causa», pela Universidade de Lisboa, o seu padrinho, Professor Aires do Nascimento, sublinhava já este feito.

Da generosidade intelectual da Elsa Gonçalves podemos testemunhar todos aqueles a quem nunca negou consulta sábia, laboriosamente fundamentada; e somos muitos, entre os que lhe escreviam de longe, e os mais próximos, os do Grupo de Filologia do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, a que pertenceu desde que foi dirigido pelo Professor Lindley Cintra.

Mas, em cada encontro, a Elsa Gonçalves, a nossa Elsa, de olhar vivo e sorriso aberto, nunca nos perguntava só por artigos, congressos, projetos filológicos. Perguntava-nos invariavelmente pelos filhos, pelos pais, por todos os nossos, que não esquecia nem confundia. E sempre se dispunha a ouvir as respostas, de exclamações e interrogações muito prontas, mesmo quando a felicidade dos livros abertos em sossego pacientemente a esperava, e desesperava. Assim praticava outra generosidade, que a tornou filóloga especialmente acarinhada, geradora de saudade permanente pelos quatro cantos do mundo, onde por ela se *pergunta* com ar sempre embevecido. Tornar-se assim amado é assinalável arte e rara ciência.

Em Lisboa fomos invejados, por viver aqui a Elsa Gonçalves, junto ao largo Tejo. Agora já não, porque nos deixou a 10 de fevereiro. Para nosso tão grande desgosto.

(Obituário, *Asociación Hispánica de Literatura Medieval* = AHLM, 11-02-2022)

Nota – Conheci a Elsa Gonçalves no ano letivo de 1987-88, quando fiz parte da turma de Literatura Portuguesa (medieval), na licenciatura que nesse ano concluí, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Trabalhámos em conjunto nos quatro anos que se seguiram, até terminar o mestrado em Literatura Portuguesa Medieval, em 1992; e intensamente nos anos que se seguiram, até à defesa da minha tese de doutoramento, em 2002, que a Elsa Gonçalves orientou e a Anna Ferrari co-orientou. Ficámos amigas.

José Manuel DÍAZ = Pimpo (Santiago de Compostela)

Elsa, o la intuición informática

Hace más de treinta años, cuando la informática era una ciencia oculta más propia de nigromantes que del común de los mortales, entre los buenos oficios del amigo Aires Nascimento y el interés del llorado Helder Godinho por explorar nuevos caminos de investigación, que fueran atractivos para los estudiantes y, quizás, sugestivos para los docentes, fui invitado a dar un seminario en el Curso de Mestrado de la Faculdade de Ciências Sociais e Huma-

nas de la Universidade Nova de Lisboa, sobre *Modelos y métodos en el tratamiento de información filológica*, que tuvo lugar en Lisboa entre los días 4 y 8 de Marzo de un muy lejano año de 1991.

Hasta aquí, aparte del honor que se me hacía, no hay nada de extraño ni de extraordinario. Lo llamativo ocurrió cuando, en la primera sesión del seminario, me encontré entre los asistentes con una sonriente Elsa que había decidido asistir de manera informal, animada a hacerlo tanto por Aires como por Helder, tal vez porque pensaba que yo necesitaba sentir la presencia de una cara amiga entre los asistentes.

No hace falta que insista sobre el interés que prestó a todo lo que yo iba exponiendo: quedaba claro que se trataba de una oyente ejemplar y atenta. De pronto, uno de los días (no recuerdo cuál) yo hablaba de la potencia de determinados módulos del sistema operativo MS-DOS, y les hacía ver a mis sufridos discípulos cómo el ejecutable FC.EXE permitía comparar archivos de texto puro de gran tamaño y generar nuevos archivos con los resultados de la comparación.

Y ahí, en ese momento percibí signos evidentes de desasosiego en nuestra Elsa: había encontrado algo que para ella tenía sentido. Como me quedaba claro que de sus dudas no podían salir más que cosas interesantes para todos, le pregunté “Y bien, Elsa, ¿qué se te ocurre que podemos hacer ahora?”. Elsa estaba como en trance, y me dijo: “No sé si es posible, pero se podría hacer una colación de varios manuscritos y obtener los resultados en un archivo de texto que podría ser la base de un aparato crítico”. Tiempo me faltó para hacer una pequeña introducción a los llamados ficheros de ejecución por lotes (los conocidos como *.bat) y a las endemoniadas *codepages* del portugués y del castellano, y concertamos que, al día siguiente, nos enfrentaríamos a uno de los poemas de Vuitorón en las versiones de ambos cancioneros, para poner en práctica todo cuanto el genio filológico de Elsa había intuido que sería posible con unas herramientas digitales de las que no sabía casi nada, pero de cuyas posibilidades no le cupo la menor duda.

Quizás estaría bien recordar que en 1991 no era pública aún la www, y que es el año de la gran difusión de Gopher (sobre todo para servicios FTP), y que había muy pocas cosas a disposición pública en el ámbito filológico y, lo que había, tenía como fin último una publicación en papel de los resultados. Pero Elsa llegó a ver y disfrutar las grandes bases de datos de la Lírica Profana gallego-portuguesa, de las Cantigas de Santa María, del Tesoro de la Lengua Gallega medieval, de Codolga, de Codolpor y de tantos otros logros. Y, si no se hubiera decantado por la extrema sencillez del entorno Mac, tal vez habría desarrollado sus cualidades e intuición para la informática humanísti-

ca ... y sólo Dios sabe a dónde habría llegado si hubiera superado lo que ella llamaba, para gran pena mía, “una máquina de escribir perfectísima”.

João DIONÍSIO (Lisboa)

Ciclâmen

O ciclâmen é uma planta da família das primuláceas. Dela se diz que não costuma ultrapassar os 20 cm, sendo habitual o seu cultivo em vasos de interiores. Diz-se também que o seu cromatismo e as suas flores, de leve perfume, são suaves. Por isso, na humanização que de vez em quando fazemos do que observamos, o ciclâmen seria uma boa resposta para a adivinha: “Fosse uma planta, qual seria Elsa Gonçalves?”. O *tertium comparationis* é múltiplo: tamanho pequeno, reserva, discrição. Mas a razão por que invoco o ciclâmen neste testemunho é outra: num dia que já não consigo precisar, a Elsa disse-me que a palavra que designa esta planta funcionava como um reduto inexpugnável de memória. Se conseguisse sempre lembrar-se do significado atribuído a “ciclâmen”, se se lembrasse da palavra dada àquela planta, tudo estaria certo.

O meu contacto académico com a Professora Elsa Gonçalves, sempre na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, decorreu no ano final da licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas (variante de Estudos Portugueses e Ingleses), na disciplina de Literatura Portuguesa III, e depois no mestrado de Literatura Portuguesa Medieval. Num e noutro enquadramento, o dever de memória era central para ela. As aulas, de cátedra, eram apoiadas sobretudo por fichas que, à luz da segurança expositiva, seriam decerto minuciosamente preparadas. Aqui e ali – para alívio de quem dava a aula, para alívio de quem tentava penetrar na densidade da matéria, com intuito pedagógico de amenizar a aprendizagem? – havia uma ou outra interrupção com questões de raciocínio prático. Recordo-me de uma vez ter sido mostrada à turma uma reprodução de uma face de fólio de um códice medieval com duas colunas de escrita, estando uma delas amputada de umas quantas linhas. Pergunta: por que razão isto aconteceu? A exposição suspendia-se, fazendo-se o silêncio e o intervalo necessários para que alguém dissesse que uma iluminura do outro lado do fólio, por cupidez material, podia ter sido cortada, tendo provocado a eliminação de texto deste lado. Não me lembro de que a exposição da matéria tivesse interrupções, de forma ou de conteúdo, a não ser quando, muitíssimo raramente, havia um lapso de memória. Digo “muitíssimo raramente” quando, na verdade, me lembro apenas de uma ocasião e por razões para mim comicamente embaraçosas: a propósito de alguma questão mais ou

menos trivial de decifração no manuscrito *B* ou no manuscrito *V*, Elsa Gonçalves quis referir o nome do autor do *Dizionario di Abbreviature latine ed Italiane*. O nome próprio não lhe ocorria, o apelido sim: Cappelli. A aula parou à espera de que se lembrasse. Furei o silêncio, confundindo precipitadamente o tempo da docente com um leilão onomástico, e disse bastante confiante: Ivan. Apesar de Elsa Gonçalves não ter dito categoricamente que não, via-se que o nome não lhe merecia crédito. E com toda a razão, como logo me dei conta, envergonhado, mas em silêncio. É que um Cappelli, de nome Adriano e falecido a meio da Segunda Guerra Mundial, era o autor do *Dizionario*; e o outro, nascido duas décadas depois, fazia parte do meu pequeno mundo desde que começara a seguir corridas de Fórmula1. Em 1988, quando frequentei as aulas de Literatura Portuguesa III, Ivan Cappelli pertencia à equipa Leyton House March, na qual tinha por colega o piloto brasileiro Mauricio Gugelmin. Este episódio – sem danos reputacionais graças à menor notoriedade de Ivan Cappelli quando comparada com a de outros pilotos italianos da época (sobretudo Riccardo Patrese, embora também Alessandro Nannini, antes do negócio do café) – foi revelador de uma componente importante da *lectio faciliior*, isto é, do erro por banalização, a troca cometida por copistas de uma palavra ou expressão estranha por outra mais comum. O que é comum não tem uma medida universal, interessando antes o que é comum *para quem comete o erro*. Estranho para os meus colegas de turma, estranhíssimo com certeza para a Professora Elsa Gonçalves, a Fórmula1 era trivial para mim e o “Ivan Cappelli” que seria para terceiros marca distintiva de erudição (nome cada vez mais atribuído ao conhecimento de minúcias destituídas de aplicação prática ou de relevância) não era mais do que um nome familiar para quem se precipitara em tamanho desastre homonímico.

Pouco consciente do privilégio que seria – que foi – prosseguir estudos de mestrado com a Professora Elsa Gonçalves, conselho amigo certificou-me nessa direcção. Nem falarei das suas sólidas sessões de pós-graduação, nem da orientação generosa e estrita que dela recebi quando preparei a dissertação de mestrado sobre as cantigas do trovador Fernan Soarez de Quinhones. Talvez tenha mais interesse fazer um exercício breve sobre o que significa Elsa Gonçalves *hoje*, mesmo além do estatuto de autoridade num campo disciplinar que cedo começou a deter.

A sua reserva quadrando melhor com a prática de investigação, é sabido que não apreciava dar aulas, desapeço com que foi consistente a cumprida intenção de, mal pudesse, abandonar o ensino. Observando a história recente da universidade portuguesa, Elsa Gonçalves representa uma mistura singular de paradigmas antitéticos. Era uma crente na especialização disciplinar, num

sentido adequado ao protagonismo complexo que tem vindo a ser adquirido pelos centros de investigação. Mas esta especialização parecia estar representada sobretudo no contorno de um objecto de trabalho que era tantas vezes um pretexto para exigências em cascata e dar resposta a estas exigências significava alargar muitíssimo o contorno do problema inicial de tal maneira que o tratamento daquele objecto inaugural era postergado enquanto as exigências preliminares não fossem satisfeitas. Daqui decorria que frequentemente os objectivos iniciais não eram cumpridos, pois os desvios necessários (para a codicologia, para a paleografia, para o estudo de anotações, etc.) tornavam-se eles próprios novos objectos agora tornados prioridades. E no fim de contas, o que parecia disciplinarismo estreito ganhava dimensão monumental.

Elsa Gonçalves não alinhava nas modas emergentes no final do séc. XX do *publish or perish*. Publicava pouco do que escrevia, escrevia pouco do que apresentava oralmente, dizia pouco do que pensava. Por temperamento esquivava-se a palcos, se bem que participasse regularmente em congressos, nomeadamente da Associação Hispânica de Literatura Medieval. Apresentar uma comunicação era a segunda forma mais elevada de angústia, pois dizer em público era já uma forma de publicar. Impunha-se por isso um conhecimento extensivo do que agora se chama “estado da arte” e surpreendia-se, meio contente meio desanimada, por ter chegado a uma intuição que, afinal, já antes tinha sido formulada. Entre toda a bibliografia crítica, tomadas de consciência deste género ocorreram mais do que uma vez na releitura do estudo de Carolina Michaëlis sobre o Cancioneiro da Ajuda, obra cuja gestação impusera acrescentos em notas que dialogavam, por vezes em divergência, com o corpo do texto. Redundassem episódios destes em satisfações poligenéticas ou em desespero por nada ter a acrescentar ao que era sabido, Elsa Gonçalves costumava levar a preparação das comunicações até à última, também porque podia ocorrer-lhe mais qualquer coisa, uma confirmação, uma correcção, uma alternativa. A este processo que terminava em noitada chamava “Filologia ‘non da giudizio’”, usando a expressão do seu mestre, Aurelio Roncaglia. Publicar então era via ainda mais dolorosa. Em contrapartida, falar com poucos acerca dos assuntos que lhe suscitavam interesse era fonte de prazer e de aventura intelectual. Na conversa com poucos surgiam ideias e hipóteses de trabalho que lhe faziam por vezes soar o alarme da propriedade intelectual, inquietação amenizada pela orientação sempre de Roncaglia: se em conversa aparece uma possibilidade de raciocínio, essa possibilidade, a ter algum interesse, pertence a quem a explora. Uma nota mais sobre erros: ciente de que há uma dimensão do saber que progride por correcção, Elsa Gonçalves tinha um olho cirúrgico e severo para certo

tipo de erratas. Todos errariam, mas – dizia – há uns que, errando, nos fizeram avançar de tal maneira que isso tem de ser reconhecido antes de ser feito o reparo. Incomodava-se com reparos sem reconhecimento.

O quadro mental subjacente à sua recusa do *publish or perish* pode talvez ser dado pela descrição feita, para outro campo, por M. S. Lourenço, um colega seu contemporâneo: “A literatura filosófica actual é comparável a um sistema de comunicação em ruptura, no qual 90% já é ruído e só 10% é informação. Por isso quem quer hoje publicar tem que ser capaz de decidir, sem auto-complacência, se os *danos* que são causados à disciplina (e aos colegas) pelo aumento do ruído são compensados pela *qualidade* do trabalho a publicar. É claro que esta decisão vai dar origem a um conflito de interesses, em que os interesses do indivíduo são incompatíveis com os interesses da disciplina. Enquanto para esta é benéfico que se publique um mínimo, mas de qualidade superior, para o investigador é benéfico que publique um máximo, de qualquer qualidade, uma vez que o *número* de publicações passou a ditar o futuro na profissão. Mas quem, contra o *Zeitgeist* dominante, se decidir pela disciplina e não pela sua carreira, pode-se confortar com o pensamento de que quem não pode servir directamente a sua disciplina, situando-se na banda dos 10%, pode ainda servi-la indirectamente, recusando aumentar o ruído. Em caso de dúvida, (...) recomenda-se escolher o silêncio.”

Com reservas estruturais aos piores aspectos da massificação, Elsa Gonçalves escolheu várias vezes o silêncio e trabalhava com muito poucos, cultivando o lado pessoal deste contacto. O modelo não era portanto o do distante e anónimo *double blind peer review*, antes o de um salão intelectual selectivo que misturava relações pessoais e relações académicas. Por interposto heterónimo, Fernando Pessoa dedicou-lhe sem saber uma parte de um dos seus poemas mais conhecidos:

O Tejo desce de Espanha
E o Tejo entra no mar em Portugal.
Toda a gente sabe isso.
Mas poucos sabem qual é o rio da minha aldeia
E para onde ele vai
E donde ele vem.

E por isso, porque pertence a menos gente,
É mais livre e maior o rio da minha aldeia.

Manuel Pedro FERREIRA (Lisboa)

Elsa, o farol

Quem foi, para mim, Elsa Gonçalves? Foi quem, na verdade, me guiou de mansinho pela mão por sendas antigas, mas para mim, ainda jovem, tão novas, como eram as das cantigas de trovadores. Foi ela que, aí chegado, me fez ouvir as vozes sussurradas dos seus cantos, amarrotadas e emudecidas na folha escrita, e me levou a auscultar, de tal sussurro, os sinais de vida. Foi ela que, praticando o gosto de reverter as dobras do tempo, que lhe permitia, contra a traição dos séculos, desvelar sentidos amarfanhados, me introduziu na aventura filológica – vivida como busca metódica, incessante, de claridade, em que o rigor se une à imaginação e um pequeno pormenor tem o poder de iluminar todo um horizonte. Foi ela minha mestra pelo exemplo, e também amiga, e ainda porta para o banquete académico, frequentado por gente de toda a parte, dedicada à sede e à partilha de saber. A sua casa era Lisboa, mas nela confluíam Santiago, Roma, Rio de Janeiro ... Não tivesse minha tia, sua vizinha, tomado a iniciativa de nos apresentar, a minha vida teria tomado um rumo diferente. Eu vinha do Conservatório de Música, de alguma Arquitetura, de alguma Filosofia, e já fizera o luto da política juvenil; a História era para mim largamente um enigma, e à literatura dava um lugar bem modesto. Mas de repente, através de Martin Codax, via-me impelido a entrar no mundo da Elsa, e na verdade, com a sua cumplicidade, fi-lo a fundo e não parei. Quem, se não ela, para recomendar um livro na estante, e apontar no rascunho uma frase mal-amanhada, e lembrar-se do que havia dito Dona Carolina juntamente com a ideia mais provocante, ouvida recentemente de um colega? Sabe-se que Elsa detestava ensinar; mas não sendo aluno dela, não tive melhor professora.

Henrique MONTEAGUDO = Quique (Santiago de Compostela)

Amiga discreta, baril pesquisadora, mestra silandeira

Os comezos da miña relación con Elsa Gonçalves foron puramente académicos, mediados pola fría distancia que impón a letra impresa. Corría 1983. Era eu un novísimo profesor axudante, cando me foi encargada unha recensión para a revista *Verba* da antoloxía *A lírica galego-portuguesa (Textos escolhidos)*, preparada por ela coa colaboración de Maria Ana Ramos. Unha síntese maxistral, dunha utilidade didáctica extraordinaria, lucidamente exposta e apertadamente comprimida nun manual de peto. En realidade, eu naquel tempo carecía da perspectiva necesaria para valorar debidamente o valor

daquel traballo, mais chamáranme moito a atención a orixinalidade na selección das cantigas, nos comentarios e nas suxestións de lectura dos textos. Era obvio que todo aquilo fora meditado con moita demora para ilustrar ao xeito as explicacións histórico-literarias, retóricas e estilísticas que se ofrecían na introdución. A pesar de obter un merecido suceso editorial, lamentablemente, o libro deixou de re-editarse axiña, aínda que algúns seguimos utilizándoo nas aulas e recomendando a súa utilización aos estudantes.

O contacto persoal debeu de iniciarse poucos anos máis tarde, nalgunha das súas frecuentes viaxes a Compostela. Con todo, a diferenza de idade, o seu carácter reservado e a miña admiración de aprendiz por ela marcaban distancias dificilmente salvables. Esas distancias reducíronse drasticamente con motivo da súa estadía de 1990 en Santiago para dar un seminario de doutoramento. Foi daquela cando lle fixen a entrevista conxunta con Anna Ferrari que se reproduce nas páxinas desta mesma publicación. Teño a impresión de que o carácter extravertido de Anna facilitou moito as cousas. Daquela descubrín que, por baixo da capa de seriedade cortés e de rigor académico que para min a envolvera ata aquel momento, bulía unha persoa sinxela, vivaz e amiga da conversa.

Por aquel tempo Elsa continuaba empeñada en cumprir o vello desexo de editar Johan Servando, unha empresa que, como explica na entrevista, se atopaba na orixe das súas pescudas sobre a tradición manuscrita, da mesma maneira que a pretensión de editar a Johan Lobeyra apuxou a Anna Ferrari a estudar o Cancioneiro da Biblioteca Nacional. Mesmo me preguntou se estaría disposto a levala a Ourense e a acompañala nas súas pesquisas no arquivo catedralicio, onde estaba convencida que podería atopar algún documento relacionado co xogar. Quería que eu lle axudase a lidar co arquivero, que tiña fama de ser un individuo pouco tratable.

Naquela altura eu xa me atrevera a mergullarme nos seus traballos sobre a tradición manuscrita, comezando pola súa edición da *Tavola collociana*, unha peza de traballo filolóxico de categoría superior, e rematando co seu artigo sobre a tradición manuscrita da lírica galego-portuguesa, que Giuseppe Tavani e Giulia Lanciani tiveron a honestidade e a elegancia de incluír no seu *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. E falo de “honestidade e elegancia”, porque nese texto, novamente sintético e maxistral, Elsa levaba ás súas últimas consecuencias os seus achados sobre a *Tavola* que, combinados coas conclusións de Anna Ferrari no seu estudo sobre o Cancioneiro Colocci-Brancuti e as observacións de Jean Marie d’Heur, levaban a contradicir boa parte das hipóteses que traballosamente tecera o Tavani sobre o proceso de constitución da tradición manuscrita.

Curiosamente, a Elsa rexeitaría con rotundidade e sen posible apelación a miña teimuda insistencia de incluír este artigo na colectánea *De Roma ata Lixboa. Estudos sobre os cancioneiros galego-portugueses*, que bastantes anos máis tarde preparamos Maria Ana Ramos, João Dionísio e eu propio, e na que axuntamos o groso dos seus traballos sobre a nosa lírica medieval. Claro está que entre os inicios da década de 1990 e os mediados da de 2010 a visión da tradición manuscrita mudara moito, en boa medida grazas precisamente aos traballos de Maria Ana, sen esquecer, naturalmente, a achega da propia Elsa, recollida na propia colectánea. En paralelo, ao longo daqueles anos o noso trato xa se fixera moito máis próximo e asiduo, e nun marco relacional sólido e ben establecido. Ao longo da década final do século pasado e das dúas primeiras do presente desenvolveuse a plena integración dos estudosos galegos no circuíto especializado que se viñera articulando arredor da nosa lírica trobadoresca. Ao tempo, esa rede fíxose máis densa e máis ampla, reforzada por numerosos contactos, encontros, colaboracións, trocas, visitas, empresas partilladas.

Por azares do destino, a partir de 2013 Xesús Alonso Montero e eu tivemos que encargarnos da dirección da Real Academia Galega, el como presidente e eu como secretario. Esta posición permitiunos levar a cabo unha iniciativa que nós entendiamos como unha homenaxe científica a unha estudosa sobranceira, mais tamén como unha mostra de agradecemento e de agarimo a unha amiga e un xesto de irmandade coa cultura portuguesa. Tratábase de reunir nun volume as valiosas achegas da Elsa ao estudo da nosa lírica medieval, espalladas en numerosas publicacións e, en moitos casos, de acceso non doado. A Elsa dubidou en aceptar a nosa proposta, mais a nosa insistencia, aliada á capacidade de persuasión de Maria Ana e de João Dionísio, apoiados polo amigo Ivo Castro, venceron as súas reticencias.

Os tres editores do volume, traballando en remoto, artellamos un equipo virtual, que tiña a súa base en Lisboa (o João Dionísio, en contacto permanente coa Elsa), unha extensión en Zürich (a Maria Ana Ramos) e outra en Compostela (eu). A edición deste feixe de trinta traballos, incluíndo a elaboración dos índices e a revisión da súa bibliografía completa, fíxome moito máis consciente do imponderable valor global da súa achega, construída peza a peza, desde o plano microscópico ata o telescópico, con inmenso coitado polo pormenor, con extrema agudeza na análise e con extraordinario esmero de ourive. A colectánea é un exercicio puro e duro, nidio e compacto, da mellor filoloxía. Marabilla o lector pola abraiante variedade de asuntos, pola extrema dificultade de varios dos temas tratados e dos problemas resolto, pola vocación de alumar recantos incógnitos –algúns, mesmo insospeitados–, polo firme propósito de conseguir progresos tanxibles no coñecemento.

Un ten a sensación de atoparse ante o labor impecable e implacable dunha mente extraordinaria, permanentemente insatisfeita pola pouquitude e a precariedade do que sabemos, movida pola ansia insaciable de chegar sempre lonxe, máis lonxe, moito máis lonxe.

Mais a miña participación na edición do volume tamén me deu a oportunidade de coñecer a Elsa máis a fondo. O libro foi editado pola Real Academia Galega en colaboración coa Facultade de Letras da Universidade de Lisboa. O acto de presentación, realizado nesta Universidade en xaneiro de 2017, deu ocasión para que unha morea de amigos e colegas puidésemos expresar de forma pública e colectiva o noso agradecemento e o noso cariño a Elsa. Foi unha satisfacción inmensa percibir que a Elsa ficara contenta co resultado. Todo o noso esforzo –que non foi pequeno– se viu sobexamente compensado pola boa acollida do volume, mais, sobre todo, porque Elsa estaba desbordante de alegría e non ocultaba o seu desexo de manifestar a súa gratitude e o seu contentamento.

Aproveitando que estabamos en Lisboa, convidounos a xantar (*almoçar*) na súa vivenda. Fisicamente estaba moi eivada, mais a cabeza funcionaba coma un reloxo. A conversa foi fascinante. En realidade, foi case outra entrevista ou, máis ben, un monólogo. Elsa falou seguido, sen parar, revivindo unha mancha de lembranzas. Impresionoume especialmente o relato dos seus anos en Angola, cando se acababa de graduar, nos inicios da década de 1960 ... A súa primeira experiencia como docente, no medio dunha guerra colonial que comezaba a estoupar. Na sobremesa viñeron os agradecementos e, para a nosa sorpresa, entregounos os presentes que nos tiña reservados. A min ofreceume unha das súas canetas, unha Parker lúndisima, moi gastada polo uso, que leva gravado o seu nome (*Maria Elsa Gonçalves*). Gárdoa coma ouro en pano. Agora mesmo estouna admirando e acariñando.

Grande, entrañable Elsa ...! Intelixencia fulgurante, carácter rexo, vontade férrea, labor preciso ... Canta sabedoría, canta humanidade e canta xentileza nun fráxil corpo de muller!

Conversa con Elsa Gonçalves e Anna Ferrari en Compostela

Nos finais do curso 1989-1990, pouco antes do verán, as profesoras Elsa Gonçalves e Anna Ferrari viñeron dar cadanseu seminario no programa de doutoramento «Filoloxía galega. Idade media», da Universidade de Santiago de Compostela. O seminario da primeira versou sobre «A tradición manuscrita da lírica galego-portuguesa: novas hipóteses de traballo», o da segunda sobre «Os dous cancioneros italianos da lírica galego-portuguesa» e «Relación da lírica galego-portuguesa coa lírica occitana». A súa estadía na capital galega deu azo para un agradable convivio e este ambiente de amizade fixo posible que as ambas as súas accedesen a facer unha entrevi-

*ta conxunta. En realidade, tratouse dunha animada conversa de sobremesa durante a cal se debullaron algúns aspectos das súas pescudas sobre a lírica trobadoresca, e, máis concretamente, sobre a súa tradición manuscrita, á que cada unha delas realizou achegas novidosas, que supuxeron progresos extraordinarios nese terreo. A entrevista foi publicada orixinalmente pola revista Grial, de onde a reproducimos con pequenos retoques editoriais*¹.

–*Podedes ofrecer algúns datos biográficos vosos?*

–(Anna Ferrari) Nacín en Módena, como moitos filólogos romanistas, alí teño unha tradición boa. Polo tanto, de nacemento son boa.

–(Elsa Gonçalves) Eu son da Guarda, así que de nacemento teño atrás xa a cantiga “Ai eu coitada! ... Muito me tarda meu amigo na Guarda”.

–*Elsa, ti estudaches en Coimbra?*

–Si, saín da Universidade de Coimbra xulgando que odiaba a Filoloxía, e por iso escollín unha tese de Literatura Moderna. Despois dunha experiencia de tantos anos de ensino no Liceu fun descubrir a Roma –onde traballei sete anos como lectora de Lingua Portuguesa– que o que a min me gustaba era a filoloxía entendida como estudo da literatura medieval. Traballando no Instituto de Estudos Portugueses e Brasileiros, eu estaba institucionalmente inserida no Instituto de Filoloxía Románica dirixido por Aurelio Roncaglia e foi así como me fixen a súa discípula. Asistín aos seus Cursos, participei nos seminarios que el orientaba, tiven, en suma, moitas ocasións para contactos científicos naquela oficina de saber filolóxico, por onde pasan estudosos que eu nunca coñecería sen a mediación do profesor Roncaglia. Voltei a Lisboa no 1976, no post-25 de Abril, que eu non vivín. Ao pouco, ingresei na Universidade, da man do saudoso profesor Prado Coelho.

–*O teu traballo sobre a Tavola Colocciana procede desa época?*

–Exactamente, foi en Roma onde decidín facer a edición crítica do cancionero de Johan Servando, e naturalmente non veu a idea así, de súpeto. Tavañi tiña a hipótese de que as cantigas de romaría obedecían a unha finalidade propagandística, e como o noso Johan Servando é o maior cultor de cantigas de romaría –canta sempre a San Servando, mesmo consegue metelo nas cantigas de escarnio– era un belísimo terreo para experimentar esa hipótese. Cando quixen editar as cantigas atopei o primeiro problema de crítica textual, que

¹ “Conversa con Elsa Gonçalves e Anna Ferrari en Compostela”, *Grial. Revista Galega de Cultura*, 108 (1990): 477-490. Na revista, aparece baixo o nome de Henrique Monteagudo e Bieito Arias, mais a entrevista foi preparada, realizada e editada polo primeiro, mentres que o segundo se encargou unicamente da súa transcrición.

era unha discrepancia entre o testemuño do cancionero B e o testemuño da *Tavola Colocciana*. Como eu non sei traballar sen resolver antes cada problema que se me presenta, daquela resolvín estudar a *Tavola*. Botei tres anos a estudala, a ler manuscritos de Colocci ata as dúas da tarde, xa chea de fame: onde el dicía palabras en latín de métrica, eu xa lía “lasagna al forno”, “spaghetti”, etc.

Aí foi onde eu descubrín a tal nota de “Messer Octaviano di Messer Lactantio ha il libro di portughesi; quel da Ribera l’ha lassato”. E realmente, como non me fiaba da miña lectura, fun consultar co profesor Campana, que estaba na Biblioteca do Vaticano, quen me confirmou que alí poñía xustamente “Lactantio” e non “Barberini”, como lera Monaci. Foi, por tanto, en Roma onde comecei e rematei a edición da *Tavola Colocciana*.

—*Anna, pódenos falar da túa peripecia académica?*

—A miña e moi diferente, porque eu comecei en Roma, continuei e aínda sigo en Roma, aínda que hogano estou a ensinar na Universidade de L’Aquila. Por tanto, eu tiven todo máis doado. Roma para min é a miña casa. Para min a aventura foi o encontro co galego-portugués. Eu sabía que había esta literatura, pero case non sabía onde estaba situado Portugal. Uns días antes da miña partida para Portugal fun consultar un atlas para ver se existía Lisboa e a onde ía ir eu.

—*Ti estudaches Filoloxía Románica?*

—Estudei. O meu encontro co galego-portugués foi puramente casual. Eu era e son provenzalista. A miña tese versaba sobre o trovador Bernart de Ventadorn. Despois, eu quería ir para as Américas, e xa o tiña todo arranxado para ir traballar aló, en Berkeley, con Malkiel; porque daquela estaba eu tola con aquelas lingüísticas e el tiña máquinas seica marabillosas. Licénciome e ao día seguinte mándolle a tese ao Malkiel, e el escribeme unha carta dicíndome que a miña tese era estupenda, que aquilo era para un Ph. D. (Doutoramento en Filoloxía). Pero eu quería ir alá para aprender máis, e como el xulgaba que eu xa sabía para un Ph. D. contesteille dicindo que eu non quería ir alá para non aprender nada, e que ficaba en Roma. Alí foi onde me propuxeron unha bolsa para aprender o portugués en Portugal.

—*(Elsa Gonçalves)* Daquela (corría o ano 1971 ou 1972) era eu lectora, e cando me propuxeron que a bolsa lle fose concedida a Anna Ferrari, eu opúxenme, porque ela non estudara portugués. Pero felizmente explicáronme que neste caso sería máis importante para Portugal que fose Anna Ferrari polas súas calidades e a súa preparación.

–(Anna Ferrari) O traballo que eu tiña decidido facer era sobre Johan Lobeira. Traballei neste autor, pero máis interesante foi o contacto con Pina Martins e Cintra, e sobre todo o coñecemento do Cancioneiro da Biblioteca Nacional. Eu pasaba todo o día metida na Biblioteca a estudar o Cancioneiro, porque no entanto contraera unha intensa paixón por el, foi un verdadeiro “coup de foudre”, un frechazo. Así que o vin, comecei a chorar.

–*Comezaches daquela o teu estudo sobre o Cancioneiro?*

–Comecei alá, mais aquilo levou anos de traballo. Eu daquela comecei a ver que o Cancioneiro agochaba moitos segredos, e dei en sentir desexos de descubrilos, e funos descubrindo paulatinamente. Non foi cousa dun ano nin de dous: un día descubría unha cousiña e ficaba axitadísima porque vía algo pero non o acababa de entender; un mes despois aparecía outro tal, ata que finalmente, un día apareceu todo o conxunto máis claro.

–(Elsa Gonçalves) Si, un dos momentos máis interesantes da túa pesquisa, lémbrome, foi a descuberta das características do copista D, que asinalaba os cadernos con puntinhos e barriñas pequeniñas, que axudaron a resolver moitos dos problemas.

–(Anna Ferrari) E o último puntinho (porque faltaba un), cando apareceu o último ... Aaaaah, xa estááá! Non é doado descubrir un puntinho nun cancioneiro así, non é nada fácil.

–(Elsa Gonçalves) Mesmo porque o Molteni ía e escribía enriba dos puntinhos.

–*Entón, xa que falamos disto, entremos máis en materia filolóxica. Poderías resumir, Anna, o máis importante do que descubriches no Cancioneiro da Biblioteca Nacional?*

–(Anna Ferrari) Moi brevemente. O Cancioneiro agora ten unha estrutura moi confusa, moi desordenada, incomprendible ás veces, mesmo ten varias mans que se alternan dunha maneira estraña. Estudando o Cancioneiro, ou sexa, chegando a comprender cal era a súa estrutura primitiva, en primeiro lugar, e en segundo lugar, chegando a comprender cal era a estrutura que Colocci quería dar, mais non conseguiu dar, ao seu Cancioneiro, o resultado que se consegue é marabilloso: que aquilo non está nada en desorde. Non digo que todo estea en orde, pero case. A alternancia das mans é moi razoable. O máis interesante é que ao final sabemos que aquilo foi copiado “alla pecia”.

Iso é importante porque de aí comezamos a ter indicacións sobre a tradición manuscrita. En fin, a nosa sospeita xa a tiñamos por outras bandas, mais xa que Colocci fixera copiar o Cancioneiro “alla pecia”, eu pregunteime: por que faria iso “alla pecia”? Para facelo máis de présa, dividilo entre

os copistas, etc. Así comecei a pensar no outro cancioneiro (V) e nas relacións entre os dous cancioneiros, que resulta que foron copiados naquel troco de fascículos.

—*Antes de que ti expuxeras a túa teoría sobre a transmisión manuscrita e o proceso de copia dos cancioneiros, cales eran os puntos máis escuros e debatidos?*
 —(Anna Ferrari) Falábase de dous ou tres copistas, ninguén se decatara de que alí había seis copistas, e por outro lado, o máis grave é que ningunha das irregularidades fasciculares do códice, xa que logo concretas e físicas, foran tomadas como elementos estemáticos. Cando Tavani fixo o seu inmenso traballo, non sabía algunhas cousas que cambiarían o seu stemma. Debo dicir que todo este traballo fíxeno sempre en colaboración con Elsa, en conversa cotiá con ela. Eu sen Elsa con quen falar non facía res.

—*Efectivamente, porque o teu labor relaciónase ...*
 —(Elsa Gonçalves) ... coa miña edición da *Tavola*, en que eu, facendo o meu primeiro traballo serio sobre tradición manuscrita, non ousei contradicir abertamente o stemma de Tavani, mais recollía todos os elementos que me levaban a pensar que o ramo β non era preciso, porque a *Tavola* era o índice do cancioneiro Colocci-Brancuti. A *Tavola* antes reputábase como índice dun cancioneiro moito mais completo, ou como a copia dun índice pre-existente. Ora, eu tiven que demostrar que a *Tavola* non era copia, que era unha compilación autónoma feita polo propio Colocci sobre un cancioneiro, e non demostrei, mais recollín os elementos que me levaban a pensar que ese cancioneiro era o Cancioneiro B. E en diálogo, non tanto de palabras como de obras (porque Anna está en Roma e eu en Lisboa), imos vendo como todo nos encamiña para unha opinión que nós temos desde un principio.

—(Anna Ferrari) Agora eu teño a máxima certeza, Elsa, de que...

—(As dúas): ... de que B e V derivan dun mesmo cancioneiro.

—(Elsa Gonçalves) E dentro da lóxica do Colocci está absolutamente certo. El di no seu apuntamento que “il tale ha il libro”. “Il” é o artigo definido, é “o” non “un”. El só tivo un libro ao seu dispor, e ademais sería ben divertido pensar que en Lisboa só había o Cancioneiro A e en Roma, no século XVI, o Colocci tivo a man dous ou, se Tavani tivese razón, tres cancioneiros. É de máis.

—(Anna Ferrari) Mais á parte, o razoamento teórico que expuxo Elsa é certísimo: como chegaron alí dous cancioneiros ibéricos? Porque —non podo explicalo agora, pois é complicadísimo— debían ser ibéricos. Agora temos novos elementos ... para a *Tavola* iso xa esta asentado; para a derivación de B e V do mesmo antecedente xa caeron case todos os elementos de Tavani para

argumentar os interpostos. Eu coido que o único que fica aínda por destruír, pero que é moi doado, penso eu, é a lagoa inicial de V. De certo, é difícil asumir unha lagoa inicial, sobre todo cando sabemos que os textos foron copiados “alla pecia”.

É probable –ou polo menos é razoable pensalo, aínda que nunca o poderemos documentar– que na troca de fascículos os primeiros non chegasen ao copista de V (porque V esta copiado por un só copista). V é unha copia destinada, penso eu, a ser ofrecida a un amigo. Era unha copia máis bonita, mentres que B era a copia de traballo de Colocci. Esta é a miña posición, porque paralelamente, o B non está acabado, e se as datas que nós propuxemos para a copia son verdadeiras, o traballo de copia caeu nos anos do saqueo de Roma (sobre 1525-27), e non sei se non terá acontecido “calquera cousa”. Por tanto, pode ser que nunca lle chegasen os cadernos ao copista de V...

–(*Elsa Gonçalves*) ... e que o de B non recibise a tempo os folios finais.

–(*Anna Ferrari*) Porque outra cousa interesante é que o antecedente estaba en Roma “de camiño”. Pasou por alí, pero Colocci nunca o tivo en propiedade, mentres que os outros cancioneros que el mandaba copiar, con máis vagar, eran seus: o M provenzal, o V italiano, etc.

–*E isto lévanos a outro punto. Quen era Colocci? Como se explica o seu interese pola lírica galego-portuguesa?*

–(*Anna Ferrari*) Colocci foi o primeiro filólogo románico.

–(*Elsa Gonçalves*) Estudoso da lírica galego-portuguesa cando ninguén se interesaba por esa lírica. O ambiente dos chamados “horti Colocciani”, que eran os xardíns do seu palacio, era un lugar de reunións intelectuais, onde se falaba de cancioneros. Do cancionero M provenzal el tivo coñecemento probablemente en Nápoles, onde llo comprou á viúva de Benedetto Cariteo. Dos outros cancioneros provenzais tivo coñecemento a través do contacto con Bembo e con tantos italianos. A el, que estaba interesado en cancioneros, foille dito que existía tamén un cancionero galego-portugués. Nesas xuntanzas participaron persoas que estaban vencelladas á cultura portuguesa. Un deles, Jorge Coelho, aparece nomeado nunha lista dos participantes nun certame poético en que interveu como autor dunha poesía en latín.

Por outra banda, nós sabemos que Colocci foi secretario do Papa, e que cando el era secretario do Papa representaba a Portugal como embaixador no Vaticano don Miguel da Silva, que era o bispo de Viseu. Un home cultísimo e posuidor dunha belísima biblioteca. E era tamén embaixador de Siena Lactantio Tolomei, outro persoeiro cultivadísimo, que trocaba cartas con Colocci a propósito de manuscritos. Así que eu coido que todo encaixa

á perfección: temos os elementos todos para percibir unha conversa acerca do cancionero galego-portugués, e quen o tiña probablemente era don Miguel da Silva.

—*Cal podía ser a funcionalidade cultural, por así dicir, dun cancionero galego-portugués nos círculos humanísticos da Italia quiñentista?*

—(Anna Ferrari) Colocci andaba á procura de cancioneros porque o seu interese primeiro, como o de todos os humanistas, era estudar a Petrarca. Eles sabían perfectamente que Petrarca tiña como base os trobadores, procuraban os trobadores para estudar a Petrarca, e o Colocci foi o único que tivo esta calidade —que eu considero óptima para un filólogo—, que foi a de estudar a lírica románica comparativamente. Coñecía a lírica occitana, e alguén debe terlle falado de que existía unha tradición galego-portuguesa, e tamén se sentiu interesado por ela.

—(Elsa Gonçalves) Ao fío disto acódeme unha suxestión: é que de tal modo o interese primordial de Colocci era iluminar a poesía de Petrarca, que mesmo lendo as cantigas galego-portuguesas vai facendo notas que remiten para Petrarca. Por exemplo, a nota “S’ i’ l dissì ...”, que é o inicio dunha canción de Petrarca (Canción CCVI).

—(Anna Ferrari) Con respecto a Petrarca, “il piu romanista dei nostri humanisti”, como creo que dixo Campana. Para confirmar isto hai outra descuberta, que eu acho moi importante, no meu traballo: é a descuberta dunha folla do Colocci-Brancuti en que Colocci tomou apuntamentos que ninguén advertira, pero que son importantísimos, porque fan referencia ao cancionero provenzal M, que lle pertencía a el, e no que aparece a palabra *portugues*. Que que-re dicir isto? Esta folla proba que Colocci buscaba confrontar as dúas líricas, exactamente o que eu pretendo facer hoxe.

—*Entón, ligando a Anna co seu ilustre antecedente, Colocci, cal é o interese do estudo dos cancioneros galego-portugueses á luz do estudo comparativo da lírica e da literatura medieval románicas?*

—(Anna Ferrari) Para min o interese é realmente ver como se desenvolveu a lírica provenzal. É evidente que a propia poesía galego-portuguesa para min non ten o interese que ten a provenzal, pero suscita a miña curiosidade, en primeiro lugar porque vexo que non está moi estudada e cada cousa é un problema, un desafío, que nós queremos comunicar. En segundo lugar, por ser tan diferente da provenzal, é unha das grandes atraccións; porque eu coñecín unha cousa moi diferente do que estaba afeita, aínda que se chamaba igualmente poesía trobadoresca.

—*Como valoras a poesía lírica galego-portuguesa, por unha banda relacionada coa tradición trobadoresca occitánica, e por outra presentando tantos riscos orixinais?*

—(Anna Ferrari) Sen dúbida ningunha, a poesía lírica galego-portuguesa está ligada á provenzal de maneira fortísima, sobre todo nos seus representantes cultos (os reis, os clérigos, os grandes señores ...), pero tamén presenta unha inmensa orixinalidade.

—*En que reside basicamente esa orixinalidade?*

—(Anna Ferrari) En primeiro lugar, para min o sector máis grandioso, peculiar e interesante da lírica galego-portuguesa é, sen dúbida ningunha, o escarnio e maldicir. Coido que neste sentido non ten igual nas líricas románicas; as nosas líricas non teñen aquela variedade, cantidade, requinte, a perfección da *aequivocatio*, por exemplo. Para min, este sector é moi interesante mesmo polas diferenzas que presenta coa poesía provenzal. É evidente que as cantigas de amor non teñen un interese inmenso para quen coñeza a poesía provenzal, mesmo teño algunhas ideas de por que está tan desenvolvido este sector, ben que aínda estou meditando este tema, non teño absoluta certeza. Por outra banda, parece que a lírica galego-portuguesa é moi ríxida, dura, en todos os seus aspectos, mentres que a provenzal é sinuosa, moi móbil na ideoloxía, na forma e mesmo na propia circulación física.

—*Isto pode reflectir tamén un ámbito de produción máis retrasado en comparación coa poesía occitánica? Ou sexa, apoiado nunha formación máis sólida, o poeta ten maiores posibilidades de desenvolvemento dos temas e das formas, mentres que no noso ámbito, con menor desenvolvemento de base da canción, da cultura, do coñecemento da tradición literaria, os poetas están máis amarrados ás formas fixas e consagradas?*

—(Anna Ferrari) Con certeza que tamén debe ter que ver con iso, mais a min seméllame que sobre todo ten que ver coa estrutura da corte rexia, unha corte de monocentrismo en Portugal e Castela, e policentrismo na Provenza.

—*Unha das cousas que máis marabilla do voso traballo é a combinación de rigor crítico no estudo codicolóxico e na reconstrución dos textos, no estudo da tradición manuscrita, que non apaga, senón que ilumina unha crítica estética e formal moi aguda. Como se consegue combinar estas dúas facetas?*

—(Anna Ferrari) Para min é sempre a mesma cousa: a curiosidade. Unha e outra cousa levantan a miña curiosidade. Eu, simplemente, quero saber. Naturalmente, penso que a curiosidade maior é saber como estaba o texto, e a partir de aí comprendelo todo: a poesía, os poetas, a mensaxe final. Para iso

é preciso ter un texto certo, para un texto certo cómpre realizar o traballo da filoloxía material que nós facemos. Está todo ligado. Pártese de aquí, teoricamente o interese final é o outro. Eu tamén, como a Elsa, comecei a traballar sobre un caso concreto de edición crítica. Tiven alí un problema e traballei sobre o cancionero todo como a Elsa sobre a *Tavola*.

—É mais habitual atopar xente especializada en cada un dos aspectos.

—(Elsa Gonçalves) Non sei se podo dar unha nota que coido que é interesante e que está vencellada coa nosa presenza aquí: polo que me din, aquí vós non estades moi sensibilizados para o estudo da crítica textual e a súa ligación co fenómeno da intertextualidade. Outra nota que eu podo dar en resposta e que, eu, por exemplo, partín concretamente —e parto algunhas veces— das notas de Colocci para a miña interpretación formal e temática do texto, para ver se el tiña razón cando puxo alí aquela nota, o que quería dicir con ela e cal era a súa interpretación.

Un exemplo concreto é unha nota a unha cantiga de Pero Garcia Burgales, “Joana, diss’eu, Sancha e Maria”. Todos din que el cita tres mulleres, etc, etc, e aínda ninguén se preocupou de entender por que Colocci escribiu ali “triplici correctus amore”. É unha nota belísima, que eu estou a estudar. Xa teño a explicación lingüística de por que está “correctus” en vez de “correp-tus” e agora quero entender. A interpretación non é adherente, porque o trobador non está, digamos, envolvido en tres amores; el di tres nomes e di que non é ningunha, mais agora é preciso saber en que referencia cultural pensaba el, se é nas tres “donna” de Dante, se coñecía as tres “niñas” do Marqués de Santillana, en fin, ver en que contexto cultural el inseriu aquelas cantigas. Pero Garcia Burgales ten xa tres edicións e nunca ninguén lles deu importancia a estas notas. Ora, esta creo que é a orixinalidade da nosa relación entre filoloxía e crítica literaria.

—Anna, unha última pregunta para rematar: cales son os labores máis importantes que nos agardan neste terreo no futuro e que achegas podemos facer os galegos?

—Os labores para os máis novos son inmensos; por exemplo falta aínda un estudo en profundidade do cancionero da Vaticana. Os filólogos máis interesados por esta lírica son italianos e precisamente este cancionero aínda ten moitos problemas por resolver, misterios propiamente. Falta ademais un estudo métrico con base no traballo descritivo de Tavani. O estudo métrico para identificar as liñas, as tendencias métricas da escola está por facer. Falta o estudo lingüístico e falta un levantamento de segmentos formais e repeticións

temáticas sistematico para verificar se dentro do movemento poético hai algún tipo de dialoxía como a había, moi forte, na Provenza, ou se aquilo é unha pura repetición formal. Falta, por outra parte, a sistemática dos erros. Os traballos que faltan, para min, son traballos sistemáticos; os traballos sobre partes pequenas non teñen nin interese nin sentido.

–*Que me dis do estudo da base histórico-social concreta?*

–(Anna Ferrari) O estudio histórico, certamente, fai inmensa falta e, isto é o máis grave que vou dicir, este tipo de estudo histórico xa o están a facer en parte en Portugal, mais é precisísimo que sexa feito por galegos que teñen o que eu chamo documento interno. Se non houbese aquí mozos especializados nos coñecedores da lírica –porque para facer o estudo histórico é preciso antes de nada coñecela perfectamente–, sería o desespero.

–*Elsa, Anna acaba de comentarnos os que para ela son os labores mais interesantes que quedan por facer; que é para ti o mais importante que resta por estudar?*

–Considero que concretamente de Galicia é de onde nos poden vir elementos para completar o perfil de moitos poetas ou para ter unha idea moito mais completa porque, como dixo Tavani, algúns andan a variar en cronoloxías oscilantes. Ora, os galegos teñen, segundo aquilo que me foi dado ver noutras ocasións, os medios, as persoas adecuadas e a vontade para publicar documentos medievais que sorprendentemente nos poden pór perante nomes que, aínda que non identificados inmediatamente, poden facernos entrar nunha conxectura. Eu acho que os estudos teñen que ser moi sistemáticos e teñen que ser feitos primeiro nunha liña de conxectura que pouco a pouco vaia encontrando máis apoios. As conclusións sobre un asunto poden ser hoxe moi provisórias e mañá non só non seren rexeitadas, senón confirmadas por outros elementos. E para iso a publicación de documentos non literarios é fundamental.

Isto, sen esquecer un dominio de primordial importancia que é o estudo da lingua dos trobadores. Eu, non sendo lingüista, teño moita dificultade, e, honestamente, declareino mesmo na *Antologia*, dicindo que para o estudo lingüístico eu convidei a miña amiga Maria Ana Ramos, e cando se trata de establecer criterios de transcripción de textos ou de estudar a lingua, eu recorro sempre á competencia dos lingüistas. Ora, é bo que se estableza un diálogo entre os que traballan na tradición manuscrita, os que se interesan por unha crítica que non sexa feita de divagacións, e os que coñezan ben a lingua, ou os que desexan coñecela, porque coñecela ben non é doado.

[...]

Aires A. NASCIMENTO (Lisboa)

Para Elsa Gonçalves: “amor de lonh”, em aproximação de eternidade

Tratava-me por padrinho, desde o dia do seu doutoramento “honoris causa” que lhe foi conferido na Universidade de Lisboa, em 1997; senti-me honrado com a escolha que sobre mim recaiu, por generosidade e benevolência do Departamento de Filologia Românica a que ela pertencia e que, em boa hora, havia promovido tal distinção.

No elogio que proferi nessa cerimónia, dediquei-lhe a leitura de uma cantiga de Dom Dinis que começa: *Pois que vos Deus fez, mha senhor / fazer do bem sempre o melhor / e vos em fez tam sabedor, / mha verdade vos direi / se mi valha nostro Senhor: / erades boa pera rei ...* Dignidade indiscutível tinha já ganho Elsa Gonçalves no ensino universitário, correspondendo de maneira digna e distinta às expectativas de Jacinto do Prado Coelho quando propôs a sua contratação para a Faculdade de Letras de Lisboa: efectivamente, eram sobejas as provas de ciência filológica (literária e linguística) por ela demonstradas; não menor era a lucidez de juízo e de ponderação pedagógica ou a perspicácia em compreender situações bem como o rigor na formação e aplicação de critérios juntamente com a serenidade e a clareza de exposição, tudo isso acompanhado da gentileza de trato que a todos cativava: por isso a Faculdade de Letras de Lisboa a escolheu como Presidente do Conselho Pedagógico.

Naquele dia de consagração académica, devia eu ter levado diadema apropriado para lhe entregar, mas não era ritual que estivesse previsto e não ousei quebrar os passos da cerimónia para o fazer: guardei-o comigo, no afecto que lhe dedicava e que sabia ser partilhado por muitos outros.

Em data recente, defendi que a referida cantiga de D. Dinis, que eu dedicara a Elsa Gonçalves, fora dirigida originariamente a Dona Isabel de Aragão, que o rei fora buscar a terras de longe para dela fazer rainha das nossas gentes. Terei simplificado, porventura, os caminhos e processos poéticos do rei trovador: a legenda hagiográfica, porém, guardou traços de veneração por parte do rei e a história comprova que a santa Rainha (tanto mais santa quanto mais rainha, no dizer do Pe. António Vieira) foi decisiva em momentos crispados, tensos e dolorosos da vida portuguesa (particularmente nas relações de D. Dinis com D. Afonso, seu herdeiro); essa história não esquece também que ela foi rainha de paz e acolhia na corte os frutos espúrios que o rei deixava nas mãos de outras mulheres a quem se entregara. A rainha foi condescendente e benigna em muitas situações, sempre pacífica e apaziguadora. Razões temos nós para, em coro, lhe agradecermos o acolhimento que ela

prestou a Dom Pedro, que seria 3º Conde de Barcelos, pois, sem a protecção dela, não teria ele garantido a parte que lhe toca no serviço prestado à cultura portuguesa – tradução da *Crónica Geral de Espanha* e transmissão do *Cancioneiro*, para não referir outros contributos.

Em vassalagem a quem aceitou o meu serviço académico, seja-me permitido declarar aqui fidelidade às regras de bem servir, porque assim mandam as leis da não-indiferença; obrigam-me elas a lealdade social, em observância de leis de coração. A transposição para um doutoramento “honoris causa” permitiu-me declarar homenagem formal a uma pessoa por quem mantive um afecto de nobreza como pessoa inestimável que era: para mim era ‘serviço’ leal e sincero; sem artifícios, subscrevi a declaração de preito que a Universidade de Lisboa quis prestar a uma pessoa que tinha a consideração de toda a Faculdade de Letras; a essa homenagem se associavam outras universidades que tiveram relação mais directa com Elsa Gonçalves, como era Santiago de Compostela e La Sapienza de Roma: a primeira, por se integrar no âmbito de trabalho filológico que ela desenvolvia nas suas investigações sobre o *Cancioneiro* medieval; com a segunda, haviam-se estreitado laços humanos e de trabalho desde antes de ingressar na vida universitária.

Na Faculdade de Letras de Lisboa, entrara ela depois de exercício brilhante em ensino secundário e bem consciente das suas obrigações em regime universitário: por isso, Elsa Gonçalves trazia méritos e tinha direito a honras académicas. Chegava em tempos de renovação do ensino universitário na Faculdade de Letras de Lisboa e contribuía ela com a sua parte, em ensino esmerado e brioso, para remontada de tempos novos, em que o empenhamento dava direito a acreditar em projectos que retomavam o que fora interrompido por vagas tempestuosas.

Tive com ela um convívio universitário fácil e enriquecedor: habitualmente, os alunos que frequentavam o Seminário de Literatura Portuguesa Medieval, leccionado por Elsa Gonçalves, frequentavam igualmente os Seminários de Codicologia, de Filologia Latina Medieval e de Literatura Latina Medieval que me estavam confiados. Muito aprendíamos todos com as suas lições e com o seu modo de trabalhar. Por isso, não foi só a mim que deixou saudades quando, por sua iniciativa, tomou a decisão de se afastar da Faculdade de Letras, por motivos de doença, já que as mãos se negavam a seguir os movimentos que a escrita exigia.

Essas saudades foram compensadas depois com visitas a sua casa, embora elas fossem espaçadas ou mais raras quando as capacidades de relacionamento aconselharam ao recanto de isolamento maior. Pela minha parte, não esquecerei que ela fez questão de me acompanhar em momentos jubila-

res, como foi o almoço festivo que o Centro de Estudos Clássicos promoveu ao festejar os meus 80 anos de vida; sem que eu o esperasse, pois sabia das dificuldades que Elsa Gonçalves tinha em se deslocar, fez ela questão de estar presente nesse almoço, acompanhada por pessoa amiga, Margarida Cunha, que havia sido sua aluna e a quem, por voltas da vida académica, me coube em sorte acolher em promoção de doutoramento, que teve lugar na Universidade de Salamanca.

Ia eu sabendo que as condições de saúde de Elsa Gonçalves se iam degradando, mas a vida é sempre um dom da Graça e ela tinha consciência de que cada dia é oportunidade para um hino de louvor, como um dia escreveu Georges Bernanos, no seu *Journal d'un curé de campagne*. Sinal dessa graça era a alegria e graciosidade estampados no sorriso primaveril com que Elsa sempre nos recebia em sua casa junto de sua irmã, Maria de Lourdes, e voltava a confiar-nos para o caminho quando dela nos despedíamos: o beijo que trocávamos era viático para o caminho, e este tornava-se mais leve e feliz pelo aconchego que havíamos recebido; mesmo nas fragilidades que tinha de enfrentar, ela não escondia esse sorriso e foi com ele que entrou na eternidade.

Convictamente, ao despedir-me dela, na capela funerária de Santa Maria de Belém, no dia 12 de Fevereiro de 2022, em presença de um pequeno grupo de amigos mais chegados e de alguns dos discípulos mais fiéis, em missa matinal, às oito de um dia de sol ainda a despontar, escolhi eu para lema da celebração eucarística o *Quem quaeritis*, por motivos que me pareciam plenamente plausíveis e ajustados: tratava-se de dar graças por tudo quanto de Elsa havíamos recebido e por quanto ela levava de nosso para a eternidade; ponto de arranque do teatro medieval (qualquer que tenha sido o ponto de começo de representação no século X¹), a liturgia, ao introduzir esse tropo na celebração pascal, alargava horizontes e, na alegria que extravasava para fora do ambiente sagrado, constituía catequese cuja mensagem central tomava como desígnio a proclamação da Ressurreição de Cristo e simultaneamente antecipava o gozo da ressurreição de todos os que comungam desse Mistério.

Dispensso-me de comentar esse tropo litúrgico; baste-me assinalar que o texto de origem ultrapassa as fontes canónicas, pois se inspira num apócrifo (*Evangelho de Pedro*) a que a versão recorria.

Para nossa consolação, em quadro de despedida, em Santa Maria de Belém, celebrávamos nós a Esperança de voltarmos a estar todos reunidos na

¹ Cf. Nils Holger Petersen, “Les textes polyvalents du *Quem quaeritis* à Winchester au X^e siècle”, *Revue de musicologie*, 86.1, 2000, 105-118; Miquel dels Sants Gros i Pujol, ed., *Troparium prosarium ecclesiae Cathedralis Vicensis*, Barcelona, Societat Catalana d'Estudis Litúrgics, Institut d'Estudis Catalans, 2010.

eternidade a convivermos na alegria do reencontro e a recordarmos as leituras que Elsa animara ao longo de anos, na bonomia do acolhimento do seu lar e em torno da sua biblioteca pessoal – cada vez mais íntima e mais identificada com ela.

Para todos nós, Elsa Gonçalves (de nome completo Maria Elsa de Jesus Gonçalves) representou e continua a representar a leitura renovada das *Cantigas* de tempos medievais, leitura a que ela repetidamente voltava, em alegria comunicativa e em simplicidade sempre gozosa de buscar um sentido cada vez mais advertido, sem complexos de olhar e sem titubear em dizer o que se lhe ia revelando no texto; em rememoração feliz, ia ultrapassando falhas anteriores; a qualquer um elas poderiam ter passado inadvertidas, mas por ela iam-se tornando luminosas: situava-as, na complexidade das suas dependências estemáticas, não obstante as falhas de testemunhos recolhidos: escrutinava-as serenamente à luz da filologia textual, debatia-se por chegar à restituição material dos testemunhos e esforçava-se por atingir uma filologia semanticamente plena; só dava por terminado o seu esforço de leitura quando se satisfazia no modo de entender e quando verbalizava esse entendimento em palavra que fosse pertinente e apropriada: simples em expor, era encanto em explicar; brilhante em transmitir o que lia, era vibrante em desdobrar questões em que outros se tinham enredado e eventualmente se tinham perdido.

Em 2017, passada a idade bíblica da sapiência consumada (85 anos de vida), a Real Academia Galega entregou-lhe um volume em que se reuniam 30 estudos de Elsa Gonçalves sobre os Cancioneiros galego-portugueses: são estudos luminosos a assinalar um percurso científico claro e luminoso; foi-lhes dado o título de *De Roma ata Lisboa*; aí se retratam os passos de uma vida dedicada à leitura dos textos medievais e suas vicissitudes e aí ficaram cinzeladas pequenas obras-primas de saber e de bom gosto, com reconstituições que representam um *ktēma es aei*, aquisição para sempre, como pretendia Tucídides, mas frágil como todas as construções humanas; no entanto, saídos das mãos de Elsa Gonçalves, temos a audácia de considerar esses ‘fragmentos de vida’ um *monumentum aere perennius*, ao estilo do velho Horácio, bem lembrado de que o poeta escreve para ficar exposto à leitura dos vindouros e por isso resiste aos humores dos tempos e dos leitores (*pro captu lectoris*, segundo sentença de Terenciano Mauro, gramático do século III).

A leitura é processo que se alarga em círculos concêntricos, formados mansamente à superfície do tanque em que se reflecte a imagem de quem se debruça sobre os textos: as propostas de Elsa Gonçalves para os textos medievais são um marco de leitura que a Filologia medieval portuguesa nunca esquecerá: entra ela a fazer parte de uma plêiade de nomes ilustres que

ela bem conhecia e cuja herança ela tomava cheia de respeito; na sua simplicidade, fica ela com direito a homenagem maior, porque se ofereceu sem complexos de superioridade e na força das razões que procurou sempre fundamentar nas boas práticas filológicas ao serviço da verdade e da autenticidade dos autores e dos textos originais, sabendo que a eles havia que prestar o sentido de fontes, de onde manavam, e garantir o fluxo de corrente límpida e nunca estancada.

Em homenagem que integro como representante da Secção Portuguesa de Literatura Medieval, que Elsa Gonçalves sempre honrou e na qual colaborou enquanto teve forças para isso, impõe-se-me lembrar a sua figura que recorto com amizade e veneração: recordo o entusiasmo por ela dado à notícia da fundação da AHLM, em Santiago de Compostela, e recordo a presença dela nos Congressos ou Colóquios que se seguiram: sempre honrou a delegação portuguesa, ainda que sempre tivesse declinado integrar cargos directivos, invocando razões de idade. Aqui lhe devolvo a saudade de todos quantos tiveram a honra de serem acompanhados por ela.

A última lição escrita que ela nos deixou será, porventura, a que ficou nas páginas de *Românica*, 24, 2021, pp. 9-40, onde foi recolhida uma dessas leituras que Elsa Gonçalves escreveu para o médico que a acompanhou no manejo da escrita que se tornara rebelde em corresponder ao fulgor do seu espírito: aí, mais uma vez, Elsa Gonçalves testemunha a sua mestria em captar e entender a lição dos poetas medievais, sabendo interpretar a caricatura do traço carregado, combinando-a com a sensibilidade de fina ironia de seta afiada que atinge pontos nevrálgicos da significação / *senefiance* pretendida: tudo era dito por ela com a mestria de entender e com a lhaneza do dizer em delicadeza e elegância adequadas à lição convivial; não havia traço que lhe escapasse e no comentário com que instruí a sua lição, sobressaía a nobreza de trato, ao lado da *dignitas* de porte, ainda que tivesse de comentar situações inomináveis e até soezes: a tudo dava a subtileza de toque suave e assim cumpria o conselho evangélico que diz que não é o que entra no homem que mancha a alma, mas o que sai do coração que denuncia o olhar torvo e inquinado (Mat. 15, 11-18); na realidade, Elsa Gonçalves era alma cândida e singela que, na travessia de pântanos, colhia flores e com elas perfumava os caminhos que atravessava: até uma *cantiga de escárnio e maldizer* tinha nela a reverberação de quem sabia pintar o cenário de onde procedia para atender às personagens que nela se reflectem, venham os rostos enegrecidos da poeira da terra que pisaram e deixem à vista a genuinidade dos sentimentos humanos que carregam; uma simples cantiga, tanto de amor como de escárnio, tem o traço de testemunho que importa reter como espelho do que vemos em nós mesmos e à nossa volta.

Revejo o rosto de Elsa Gonçalves na delicadeza do seu sorriso e na clareza das suas palavras. A ela dedico uma glosa de leitura sobre uma *canço* escrita por um trovador provençal, Jaufré Rudel: não é uma tradução, porque seria filáucia da minha parte colocar-me ao lado do poeta provençal medieval, mesmo que fosse em serviço de menestrel; sem qualquer pretensão de atingir o virtuosismo do poeta e da sua *canço*, aceite-se como serviço a glosa com que lembro uma amiga a quem continuo a dedicar todo o afecto de alma, na lonjura dos dias que levo comigo e na distância da luz em que a eternidade a coloca a ela.

Despertei para essa *canço* ao som de uma canção de Raquel Tavares que se tornou conhecida entre nós: por coincidência, moro fronteiro ao Largo da Graça, na colina de Sant’Ana; já poucas vezes tenho forças para subir os degraus do Eléctrico 28 que se tornou emblema turístico de Lisboa; no recanto a que me remeti, volto ao contacto com o texto do poeta provençal, lembrando também o Helder Godinho, a quem já não pude consultar na minha leitura, para rever as lições Pierre Bec – um e outro partiram em dias que nos deixam saudades; ao canto da avezinha, lembrado pelo poeta provençal, não deixarei de associar a cantiga de “O monge e o passarinho”, recordando a figura excelsa de José F. Filgueira Valverde (com o seu *Tempo y gozo eterno en la narrativa medieval*, Vigo, Ed. Xerais de Galicia, 1982) – com o autor me cruzei algumas vezes em Compostela e a ele devo a nobreza de trato sempre nobre.

Em tempo de saudade por Elsa Gonçalves, em voz baixa e em surdina, aqui deixo um arremedo de tradução da *canço* de Jaufré Rudel, poeta provençal, canção que confio a quem melhor a saiba interpretar: valha-me por tudo o esforço em entender o antigo provençal que talvez algum dia regresse à leitura, quando o circo das banalidades for interrompido e se volte ao contacto com a alma humana que se retrata em “amor de longe”.

Nesse enlevo de alma para a *canço* do “amor de longe”, evoco sobretudo o “cantar de alma que se huelga de conocer a Dios por fe”, como escreveu S. Juan de la Cruz, amparado no estribilho, que é refrão, “aunque es de noche”. A *Amor de longe* sinto-a a saltitar na voz fresca e juvenil de Raquel Tavares que continua a alegrar a vida lisboeta, mas trago-a sobretudo no afago de uma lembrança que dedico a Elsa Gonçalves para uma saudade do Paraíso que ela já goza.

Quando os dias são longos em Maio,
Praz-me o doce cantar de passarinho ao longe;
E, se desse enleio nunca me distraio,
Recordar bem me praz um amor de longe:
Mas, se, desse talante me vou, triste e alquebrado,

Nem outro cantar me praz nem flor de montado,
E contra mim só vejo inverno revigorado.

Praza a Nosso Senhor que ao menos por um dia
Eu veja de perto meu amor de longe;
Agora, porém, por cada alegria,
Males dobrados me sobram: meu amor está longe ...
Ah! Em pobre peregrino eu me tornasse
E, com meu cajado e minha manta, subindo o monte,
Por seus belos olhos notado me julgasse.

Entre triste e gozoso para mim quero demandar,
Em nome de Deus, um abrigo lá longe
Para junto de minha amiga me quedar:
Junto dela me quero, por isso anseio, ainda longe:
Por isso, em palavras tantas lhe quero rogar
Quantas de longe e tantas vezes for capaz –
Tantas ao dizê-las em mim haja solaz.

Triste e gozoso junto dela me hei-de querer;
Depois de a ter avistado, meu amor de longe!
Só resta saber, e não sei, a que hora há-de ser
Porque nossos países ficam longe,
Assaz ignotos são nossos vales e caminhos;
Para os descobrir não sou adivinho ...:
Mas tudo seja como a Deus em bem prouver!

Nunca de outro amor eu serei contentado
Senão de gozo desse amor ao longe
Pois outro não conheço melhor nem sossegado,
Visto em parte alguma, nem perto nem longe.
Seu valor é tão veraz e acertado
Que a prisão sarracena seja eu atirado
Se por outra, cativo, algum dia tiver cuidado!

Deus, que fez tudo, quanto vai e quanto vem
E fez nascer este amor de longe
Tenha pena de mim e a graça me dê por bem,
De eu ver de perto quem é amor de longe!
De verdade me quedo em tal assento
Pois é solaz o jardim em que me contento
E me irá bem para morada em todo o momento!

Razão tinha quem por pretensioso me fez julgar ...
Mas suspiro apenas por amor de longe
Porque em nenhum outro me praz repousar
Nem outro gozo terei por amor de longe.
Porém, o que eu quero me é negado,
E já isso mo ditou meu padrinho em fado,
Que eu amaria, mas, em retorno, eu não seria amado.

Porém, o que eu quero me é negado:
Assim mo ditou meu padrinho em fado
Que eu amaria, mas em retorno eu não seria amado².

O tema volta ao Largo da Graça por Raquel Tavares:

No Largo da Graça, já nasceu o dia:
Ouço um passarinho, vou roubar-lhe a melodia
Meu amor de longe ligou
Abençoada alegria!

Junto ao miradouro, pombos e estrangeiros
Vão a cirandar como fazem o dia inteiro
Meu amor de longe já vem ...
Pôs carta no correio!

Barcos e gaivotas do Tejo
Vejam o que eu vejo, é o sol que vai brilhar
Meu amor de longe está
Prestes a chegar.

Talhado para mim
Mal o conheci, eu achei-o desse modo
Logo pude perceber o fado que ia ter
Por ver nele o fado todo ...

² Quanto ao texto de base, sirvo-me da antologia escolar da *Poésie lyrique au Moyen Âge*, tome I, org. Guillaume Picot, Paris, Larousse, 1975: o exemplar pertenceu a Aliete Galhoz que em seus dias mo confiou, deixando nele alguns sublinhados sem outra anotação. No tocante à tradução, confesso os meus desencantos perante conceitos específicos como “preux / pruz”; no final, fica “tornada” por “envoi” como dedicatória típica do poema provençal, que autores como Ezra Pound traduziram por “despedida”. Já fora de horas, embora guardasse a meu lado edição adquirida em tempos, tive a dita de chegar a leitura feita por David Mourão Ferreira, *Imagens da Poesia europeia*, II, Lisboa, Artis, 1970, pp. 39-45; fique aqui a referência e a minha homenagem ao poeta que era homem de fina sensibilidade e gentileza; nele aprendi a descobrir os processos simples de revelar a “riqueza interior” de um “amor de longe”, com “as variações” que bastam para tudo dizer, “na circularidade do canto” e no jogo do enlevo poético.

Chega de tragédias e desgraças
Tudo a tempo passa, não há nada a perder
Meu amor de longe voltou
Só para me ver!

Fiz um rol de planos para recebê-lo
Fui pintar as unhas, pôr tranças no cabelo
Meu amor de longe há-de vir
Beijar-me no castelo ...

Eu a procurá-lo, ele a vir afoito
Carro dos Prazeres, número 28
Meu amor de longe saltou:
Iluminou a noite!

Vamos celebrar ao Bairro Alto:
Madrugada, baile no Cais do Sodré
Meu amor de longe sabe bem
Como é que é ...

Talhado para mim
Mal o conheci, eu achei-o desse modo
Logo pude perceber o fado que ia ter
Por ver nele o fado todo ...
Chega de tragédias e desgraças
Tudo a tempo passa, não há nada a perder
Meu amor de longe voltou
Só para me ver!

Stephen PARKINSON (Oxford)

Elsa da Antologia: recordações de um medievalista retornado

Elsa Gonçalves foi sempre para mim uma figura quase mítica de guardiã da tradição filológica da Lírica Galego-Portuguesa. Apesar de me ter apaixonado pela literatura medieval quando estudante, desterreimei-me da lírica profana durante os primeiros anos da carreira, de dedicação quase exclusiva à Linguística, e foi apenas através da participação numa edição musical das Cantigas de Santa Maria que me reaproximei lentamente da lírica profana e da crítica textual. A minha trasladação para Oxford em 1988 converteu-me de um jacto de professor de Linguística geral em professor de Língua, linguística e literatura portuguesas, encarregado de modernizar um currículo de

literatura medieval criado por um grande historiador nos anos 70. O primeiro passo foi identificar edições modernas dos textos, neste caso o 1º volume das Cantigas de Santa Maria da edição de Walter Mettmann, a Antologia da Lírica Galego-Portuguesa feita por Elsa Gonçalves com Maria Ana Ramos, e a Crónica de D. João I de Fernão Lopes de Teresa Amado. Destes quatro, apenas a Elsa me era desconhecida (fui colega da Maria Ana, aluno da Teresa, e acabava de me afirmar o crítico principal da edição de Mettmann). Foi pela Antologia que me reintegrei na filologia, e foi a Elsa quem guiou os meus primeiros alunos. Tanto na selecção de textos (que resistiu ao desprezo tradicional da cantiga de amor frente às cantigas de amigo e às cantigas de escárnio e maldizer) como nos comentários penetrantes literários, este pequeno livro constituía o centro do curso, e oferecia sempre novos desafios ao aluno e ao professor. Esgotada poucos anos depois, os exemplares restantes da Antologia tornaram-se cada vez mais preciosos: tenho à minha frente o meu primeiro exemplar pessoal, comprado em 1986 por 750 escudos, tão usado e com tantas páginas soltas que parece pasta mais do que livro, e mal imagino o estado dos exemplares das bibliotecas da Faculdade. Foi mais lenta a minha apreciação da centralidade da Elsa nos estudos dos cancioneiros, em que me ia reintegrando à medida que os meus estudos das Cantigas de Santa Maria revelavam o trabalho ecdótico ainda por fazer. E foi com certo receio que me dei conta de que me colocava do outro lado de uma das divisões internas filológicas, entre os metricistas dogmáticos que insistem na correção métrica e os outros que defendem o respeito às lições manuscritas e o recurso à música para elidir eventuais falhas métricas. Não tendo publicado nenhuma edição, não fui mencionado na magistral visão de conjunto de edições feita pela Elsa no *Congresso Virtual* de 2007, mas não esperava que o meu contributo sobre elisão “invisível” de monossílabos (tão virtual que nem sequer o vi publicado) fosse mais ao agrado dela do que outros trabalhos meus igualmente invisíveis sobre o texto das *CSM*. Cruzei com ela brevemente numa das celebrações do jubileu de Ivo Castro, mas sem conversa de fundo, oportunidade perdida que continuo a lamentar. Admirei-me sempre da sua análise das *fiindas* e da *cantiga ateúda* (na qual não faltou referências pertinentes às *CSM*), e discordei noutras questões, sempre com respeito total pelo seu intuito filológico, que constituía sempre o modelo para este linguista (re)tornado filólogo.

Maria Ana RAMOS (Zürich)

*Se eu foss'en tal companhia de dona(s), fora guarida ...*¹

Não fui aluna de Elsa Gonçalves. Nem sequer fui sua colega no Departamento de Literatura da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde exerceu a sua mais eloquente docência.

O primeiro (des)encontro ocorreu em Roma, em La Sapienza, em 1977, quando fui incapaz de responder afirmativamente à pergunta, que ecoava pelos corredores do Istituto di Filologia romanza: *Come? Non conosci Elsa Gonçalves?* Naquela *bella ottobrata romana*, entusiasmava-me com descobertas, com novas maneiras de trabalhar e, de algum modo, pressentia um desfecho, que iria determinar todo o meu percurso profissional.

Em Lisboa, nos últimos anos da licenciatura em Filologia românica, sob a vertente Linguística (histórica), a paixão musical pelo canto e pela ópera levava-me à frequência opcional de um curso de língua italiana, que culminara com a imprevisível obtenção de bolsa estival de um mês para um *Corso di lingua e cultura italiana per stranieri*, em Perugia. Ivo Castro, mentor esclarecido, tudo fez para que o animado *soggiorno perugino* se transformasse em um sério estágio outonal de Filologia romanza em Roma. Elsa já não estava em Roma e deveria estar a iniciar o seu ensino de Literatura Portuguesa Medieval como docente convidada na Universidade de Lisboa². Pode assim dizer-se que o meu conhecimento de Elsa Gonçalves foi medievalmente efetuado por *oídas* ... Na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, o corredor distanciava os Departamentos de Linguística e de Literatura e os contactos não eram assíduos entre docentes de História da Língua Portuguesa e de Literatura Portuguesa Medieval. Mesmo Lindley Cintra desviara-se, em momentos pós-revolucionários, da sua Idade Média, concentrando-se na premência da transformação de um país em alvares democráticos. Ivo Castro, pela *Estrada de Cintra*, «via de liberdade e de exigência», oferecera cursos, onde a *Filologia* se abria a metodologias pouco praticadas no espaço português, e as

¹ Adapto o v. 4 da cantiga com dupla tradição, *Ora van a San Servando, donas fazer romaria* (B 1146, B 1146^{bis} / V 738, V 749), atribuída a Johan Servando, cantor de santuários, mas sobretudo, um dos poetas prediletos de Elsa Gonçalves. Sobre o interesse por Johan Servando no seu percurso, releia-se o *Limiar* de Xesús Alonso Montero [p. XIV] à reedição de alguns dos seus estudos em 2016 e a sua reflexão «Pressupostos históricos e geográficos à crítica textual no âmbito da lírica medieval galego-portuguesa: (1) ‘*Quel da Ribera*’; (2) A romaria de San Servando», *Critique textuelle portugaise. Actes du colloque, Paris, 20-24 octobre 1981*. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian, 1986, pp. 41-53. Reed. em E. Gonçalves, *De Roma ata Lixboa. Estudos sobre os cancioneiros galego-portugueses*, Ed. de J. Dionísio, H. Monteagudo, M. A. Ramos, A Coruña: Real Academia Galega, 2016, pp. 99-109.

² Efetivamente, Elsa Gonçalves iniciara o seu serviço docente em *Literatura Portuguesa Medieval* no ano letivo de 1977-1978, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

minhas primeiras aulas no Departamento de Linguística tingiam-se daqueles ensinamentos³. Assim posiciono o meu empenho pelo conhecimento de grafias de textos medievais, pelos sentidos da variação grafemática e pela eventual *mise en graphie*, que se poderia entrever nas mãos dos precursores copistas do português. Deste modo justifico a minha escolha temática do trabalho final para a conclusão da licenciatura dedicada à intrincada complexidade das normas de transcrição na edição de textos literários⁴. No entanto, a estadia em Roma propusera o projeto de realização de uma edição crítica de um trovador, cuja identidade, após as investigações de Carolina Michaëlis, se pressupunha integrar a coleção ajudense. Ao poeta – Rodrigo Eanes Redondo –, pertencente a uma linhagem ativa durante os reinados de D. Afonso III e D. Denis, senhor em Santarém e próximo do poder régio, deveriam ser atribuídas algumas das cantigas reproduzidas pelo *Cancioneiro da Ajuda*. Ao não desfrutar o manuscrito de qualquer rubrica atributiva, rapidamente me pareceu que não bastaria editar as cinco cantigas presentes no códice da *Ajuda* (A 180 - A 181 - A 182 - A 183 - A 184), adotando os instrumentos da crítica textual, sem tentar compreender como estavam organizados os trovadores naquela coleção e como, em confronto com o resto da tradição, se poderia efetivamente atribuir ou não estes textos mais a um autor do que a outro. De mais a mais, quando nas primeiras vezes observei o códice, o fólio, que continha aquelas cantigas, distinguia-se como um fólio desarticulado e sem aderência aos cadernos contíguos apontando, parecia-me já naquela altura, para uma situação material bastante fragilizada e obscura⁵. Um projeto ligado à *filologia do texto* passava à *filologia do códice* e, deste modo, se entende a minha aproximação a Elsa Gonçalves. Não deixa de ser estimulante sublinhar que os estudos da materialidade dos cancioneiros resultavam, todos eles, de problemas editoriais concretos: para Elsa Gonçalves, o ciclo poético de Johan Servando apresentava uma discrepância entre o testemunho do *Cancioneiro Colocci-Brancuti* e o testemunho da *Tavola Colocciana*; para Anna Ferrari, as cantigas de Johan Lobeira no *Cancioneiro Colocci-Brancuti* encontravam-se em

³ Retomo o título de estudos de I. Castro, por ele selecionados, *A Estrada de Cintra. Estudos de Linguística Portuguesa*, Lisboa: Imprensa Nacional, 2017.

⁴ Esta obsessão por grafias levou, um pouco mais tarde, com Ivo Castro, à reflexão, apresentada em Paris (20-24 outubro de 1981): «Estratégia e tática de transcrição», *Critique textuelle portugaise* cit., pp. 99-122.

⁵ Entretanto, alguns destes textos foram estudados por F. Barberini: (1) «*Pois m'en tal coita ten Amor* (A185)», *Cultura Neolatina*, LXXIV, 2014, pp. 157-180; (2) «*Philologie du regard* y testimonio único: *Cancioneiro da Ajuda*, cantiga 180», Josep Lluís Martos (Ed.), *Variación y testimonio único. La reescritura de la poesía*, Alacant: Universitat d'Alacant / Universidad de Alicante, Servicio de Publicaciones (Colección *Cancionero, romancero e imprenta*), 2017, pp. 13-33; (3) «*Cancioneiro da Ajuda*, cantigas 180-183», *Verba. Anuario galego de filoloxia*, 44, 2017, pp. 317-346.

situação complexa, sobretudo a composição de inserção tardia, *Senhor genta* (B 244 / B 246^{bis} / C 244) e, para mim própria, o ciclo atribuível conjeturalmente por Dona Carolina a Rodrigo Eanes Redondo no *Cancioneiro da Ajuda* (A 180 - A 184), corresponderia a um trovador que não deve ter sido integrado no manuscrito ajudense.

Empenhar-se por grafias era, portanto, interessar-se pela tradição manuscrita, interessar-se pela tradição manuscrita era envolver-se pela materialidade do *cancioneiro*. Mesmo se nem sempre estes maravilhosos *livros de poesia* nos tenham *guardado* de seus mistérios, revejo-me inteiramente como *companheira* de cancioneros, como me denominava Elsa, após uma primeira *Tavola rotonda* sobre lírica galego-portuguesa⁶.

A *filologia do códice* ofertava um ótimo modelo com o estudo codicológico do *Cancioneiro Colocci-Brancuti* por Anna Ferrari, que acabara de ser publicado na mesma coleção parisiense, pouco depois da *Tavola Colocciana* de Elsa Gonçalves⁷. De alguma forma, criava-se um trio, em função da estreita tradição manuscrita galego-portuguesa, que mais não fazia do que se interrogar, problematizar ou ouvir o ceticismo de uma, ou a descrença de outra. *Ma sei proprio sicura? Ma come mai?* E pior ... em jantares, longos e demorados, saltava uma opinião, uma probabilidade. Quem teve a ideia? De uma tímida e tosca «geografia da lírica galego-portuguesa», emergia, no entanto, a convicção de que nenhum dos testemunhos da lírica galego-portuguesa existiria um sem o outro. Na verdade, aquele título, «Geografia ...», deveria denunciar que mais não fazíamos do que propor uma simplificação do que estava escrito por Carolina Michaëlis na reconstituição biográfica dos trovadores. Apesar do olhar severo de Aurelio Roncaglia (... *avete scoperto qualcosa di nuovo?*), foi esta imersão em Trier que muito nos aproximou da Galiza e que ativou muitos dos estudos que começaram a ser realizados na terra de alguns trovadores⁸.

⁶ A 2 de junho de 1978, escrevia-me na dedicatória da sua *Tavola Colocciana*: «À Maria Ana, companheira de cancioneros e *tavolas rotondas* ...», na sequência de um encontro romano, *Tavola rotonda sulla lirica galego-portoghese* (6-12 abril de 1978) e de outra *Tavola*, que se anunciava em Pisa, *Problemi della lirica galego-portoghese* (8-10 fevereiro de 1979).

⁷ E. Gonçalves, «La Tavola Colocciana Autori portughesi», *Arquivos do Centro Cultural Português*, X, Paris, 1976, pp. 387-448. Reed. em E. Gonçalves, *De Roma ata Lixboa* cit., pp. 5-87; A. Ferrari, «Formazione e struttura del Canzoniere Portoghese della Biblioteca Nazionale di Lisbona (cod. 10991: Colocci-Brancuti). Premesse codicologiche alla critica del testo (Materiali e note problematiche)», *Arquivos do Centro Cultural Português*, XIV, Paris, 1979, pp. 27-142.

⁸ E. Gonçalves, A. Ferrari, M. A. Ramos, «Geografia da lírica galego-portuguesa», *Tradición, Actualidade e Futuro do Galego. Actas do Coloquio de Tréveris, 13 a 15 de novembro de 1980*, Edición preparada por D. Kremer e R. Lorenzo, Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, Consellería de Cultura, 1982, 191-201. O simpósio internacional, que decorreu em Trier, «en terreo *neutral*», procu-

Sob o incitamento e a obstinação de Maria Alzira Seixo, Elsa vira-se confrontada com uma encomenda de um trabalho hercúleo – como dizia – para organizar uma antologia da lírica galego-portuguesa para a coleção *Textos Literários*, Editorial Comunicação. A este empreendimento vi-me ingenuamente associada, sem ser capaz de acautelar todos os entraves que iriam surgir, como uma tipografia que não possuía símbolos fonéticos, ou sinais para vogais longas ou breves para os étimos latinos. Um contributo árduo, porque espinhosa era a matéria, mas dele subsiste a forma exigente de trabalhar de Elsa Gonçalves sob o seu perspicaz modo de olhar para o texto antigo e para a autoridade do manuscrito que o transmitira⁹. Daquela cooperação persiste também a tenacidade para percorrer caminhos sinuosos que levam ao nome de um autor, ao seu perfil sociocultural, à mais escrupulosa interpretação de uma sílaba, de uma palavra, de um verso, de uma estrofe, de toda a cantiga. Labuta paciente, leitura e releitura, pensar e repensar, duvidar e duvidar. Uma modéstia incomensurável em relação aos precursores (bastaria evocar o nome de Carolina Michaëlis. Como a lia e relia!), mas o modelo elsinó continuará a ser um exemplo para qualquer um dos nossos labores filológicos. De tal forma foi modelar que, através da sua sábia elegância, conseguiu que Lindley Cintra regressasse momentaneamente à docência da Literatura Portuguesa Medieval, e quase redigisse a síntese que caracterizava a *Língua dos Trovadores*, e que, infelizmente, não chegou a concluir¹⁰. Talvez por isso, Lindley Cintra me empurrasse para o estudo ‘linguístico’ e para uma ‘gramática’ dos *Cancioneiros*. Mas era Anna Ferrari que, logo em 1980, bem pressagiava que, antes de tudo, faltava um estudo codicológico *del mio brutto canzoniere*¹¹.

O desafio era incessante e talvez dele tenha eu intensificado a sensação de que não era apenas um *brutto-bel canzoniere*, mas um relevante projeto suspenso de um *livro de poesia*, que nos revelava, hoje, como se estruturava no passado uma coleção de poesia galego-portuguesa, quando decorria ainda o movimento literário. Recordo, não sem enternecimento, o benepláci-

rava dar a conhecer a situação atual e a coordenação científica dos estudos sobre o galego, uma ideia que partiu de Joseph M. Piel e foi concretizada por Ramón Lorenzo e Dieter Kremer.

⁹ *A lírica galego-portuguesa (Textos Escolhidos)*. Apresentação crítica, selecção, notas e sugestões para análise literária de E. Gonçalves. Critérios de transcrição, nota linguística e glossário de M. A. Ramos, Lisboa: Ed. Comunicação, 1983.

¹⁰ L. F. Lindley Cintra anunciava um seu *Estudo linguístico na Apresentação ao Cancioneiro da Biblioteca Nacional (Colocci-Brancuti)*. Cod. 10991. Reprodução facsimilada, Lisboa: Biblioteca Nacional/Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982.

¹¹ Foi assim que me dedicou o seu estudo sobre o *Cancioneiro Colocci-Brancuti*: «Per Maria Ana, una *brutta* lettura del mio *bel canzoniere*, in attesa di una *bella* lettura del tuo *brutto canzoniere*» (maio de 1980).

to de Elsa a propósito da eloquência dos espaços em branco do *Cancioneiro da Ajuda*, ou da inesperada previsão musical para algumas *fiindas* de certas secções do códice ajudense. Entrevejo naquele seu regozijo a confirmação de que, para apreender os textos e a sua tradição, imprescindível era passar por aquela paciente *micro-filologia* e por aquele escrupuloso modo de ser filóloga¹². Com convicção, apesar da boa organização ajudense, afirmava Elsa Gonçalves em Liège que «... le manuscrit A doit être la copie d'un livre et non pas une anthologie 'faite directement' à partir de *Liederblätter*»¹³. É porventura esta a questão que mais nos absorveu e que mais nos exigiu ponderação sobre a estrutura da tradição manuscrita galego-portuguesa e sobre a consistência do arquétipo. A sua perseverança atingira possivelmente algum limite, quando publicou a reluzente síntese, não ocultando a sua insatisfação, «Sobre a tradição manuscrita da lírica galego-portuguesa: conjecturas e contrariedades». Este texto era escoltado por outro, onde palpitavam outros descontentamentos seus, «Sobre edições da lírica galego-portuguesa: uma reflexão», como se, em este ano de 2007, Elsa tenha decidido encerrar reflexões que a autoridade do tempo lhe concedia. Um e outro demarcavam – eu diria de modo decisivo – o que de mais inabalável se conhece sobre a propagação manuscrita e editorial da lírica galego-portuguesa¹⁴.

Elsa Gonçalves não apreciava considerar-se «íntima» do *Cancioneiro da Ajuda*. Mais de uma vez sublinhou este seu apartamento em relação àquele códice. Sinto ainda a ressonância das suas palavras em 2004 na comemoração do centenário da edição do *Cancioneiro da Ajuda* na sua apresentação: «Ao tomar neste momento a palavra, tenho, todavia, consciência de não pertencer ao círculo dos 'íntimos' do *Cancioneiro da Ajuda*, tendo-o frequentado raramente e sempre com reverência temerosa». Mas, desta *captatio benevo-*

¹² M. A. Ramos, «A transcrição das *fiindas* no *Cancioneiro da Ajuda*», *Boletim de Filologia*, XXIX, 1984, pp. 11-12; M. A. Ramos, «L'éloquence des blancs dans le *Chansonnier d'Ajuda*», *Stylistique, Rhétorique et Poétique dans les Langues romanes, Actes du XVII^e Congrès international de Linguistique et de Philologie romanes (Aix-en-Provence, 29 août-3 septembre 1983)*, vol. VIII, Aix-en-Provence: Publications de l'Université de Provence, 1986, pp. 215-224.

¹³ E. Gonçalves, «Sur la lyrique galego-portugaise. Phénoménologie de la constitution des chansonniers ordonnés par genres», *Lyrique Romane Médiévale. La Tradition des Chansonniers. Actes du Colloque de Liège 1989*. Édités par M. Tyssens, Liège: Bibliothèque de la Faculté de Philosophie et Lettres de l'Université de Liège. Fascicule CCLVIII, 1991, pp. 447-467. Reed. em E. Gonçalves, *De Roma ata Lixboa* cit., pp. 127-146.

¹⁴ E. Gonçalves, «Sobre a tradição manuscrita da lírica galego-portuguesa: conjecturas e contrariedades», *eHumanista*, 8, 2007, pp. 1-27; E. Gonçalves, «Sobre edições da lírica galego-portuguesa: uma reflexão», Â. Correia e C. Sobral (coords.), *Edição de Texto. Actas do II Congresso Virtual do Departamento de Literaturas Românicas (16 e 20 de abril de 2007)*, Lisboa, Universidade de Lisboa, 2007. Os dois ensaios estão republicados em E. Gonçalves, *De Roma ata Lixboa* cit., pp. 501-533; pp. 455-500.

lenticiae rapidamente se ergueu a vontade de o «interrogar com a atenção [...] voltada não apenas para os textos, mas também para a materialidade do testemunho. Devo confessar que o meu estudo foi um ansioso, por vezes desesperado, vaivém entre o fac-símile do manuscrito, a edição crítica de Carolina Michaëlis e as publicações dos três estudiosos que acabo de citar [G. Tavani, M. A. Ramos, A. R. de Oliveira]»¹⁵.

Estou persuadida de que a publicação da edição fac-similada e a instalação do imenso volume no escritório da sua casa em cima de uma mesinha, adequada à sua estatura e à dimensão do fac-símile! (como se queixava do peso e do seu tão difícil manuseamento!) muito a estimulou associá-lo às suas reflexões sobre os cancioneiros, copiados em Itália, que tão bem dominava. Em 1995, eu já não estava em Lisboa, e foi pela Elsa que, tendo assistido ao lançamento da edição fac-similada na Biblioteca da Ajuda, tive a oportunidade de receber em primeira mão o *livrinho*, que acompanha a edição, com um cartão, datado de Lisboa, 6 de março de 1995, em que me dizia: «Espero que não fique desiludida [com o seu texto, *O Cancioneiro da Ajuda. História do manuscrito. Descrição e problemas*]. Eu estou contente»¹⁶.

Foi, por certo, Elsa (e talvez Henrique Monteagudo!) quem mais leu e anotou o meu trabalho sobre o *brutto, ma così bel Canzoniere*¹⁷. O seu exemplar, que entrevi em sua casa, está carregado de notas manuscritas, na sua minúscula caligrafia, nem sempre de fácil decifração, e a edição fac-similada espelha, através de vários *post-it*, leitura, observação e, sobretudo, planos. Significativo foi o seu reconhecimento pelo *travail en cours* do *Cancioneiro da Ajuda* e pelas diversas fontes, que se poderiam identificar através do exame das grafias. Mas, como explicar o forte paralelismo entre a sucessão de autores nos três grandes cancioneiros, *Cancioneiro da Ajuda*, *Cancioneiro Coloc-*

¹⁵ Foi assim que se exprimiu quando a persuadi que não poderíamos comemorar o centenário da edição de Carolina Michaëlis sem o seu contributo (*Cancioneiro da Ajuda*. Edição crítica e comentada, 2 vols., Halle a. S.: Max Niemeyer, 1904). Reimp. anastáticas: Torino: Bottega di Erasmo, 1966; Hildesheim - New York: Georg Olms, 1980; Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990, que inclui, contrariamente às precedentes, o *Glossário* que a ilustre filóloga tinha publicado na *Revista Lusitana*, XXIII, 1920; E. Gonçalves, «Trovadores ‘menores’ no *Cancioneiro da Ajuda*», M. A. Ramos e T. Amado (coords.), *À Volta do Cancioneiro da Ajuda. Actas do Colóquio Cancioneiro da Ajuda (1904-2004)*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2016, pp. 183-202. Republ. em E. Gonçalves, *De Roma ata Lixboa* cit., pp. 591-609.

¹⁶ *Cancioneiro da Ajuda*. Edição fac-similada do códice existente na Biblioteca da Ajuda. Apresentação de M. C. de Matos, N. S. Pereira e F. G. da C. Leão. Estudos de J. V. de P. Martins, M. A. Ramos e F. G. da C. Leão, Lisboa: Edições Távola Redonda. Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, Biblioteca da Ajuda, 1994.

¹⁷ M. A. Ramos, *O Cancioneiro da Ajuda. Confecção e Escrita*, I e II vols., Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Departamento de Linguística Geral e Românica, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/553>.

ci-Brancuti e *Cancioneiro da Vaticana*, inquiria-me. Se há fontes múltiplas, como elucidar a densidade das semelhanças? Respostas nebulosas. E, para quem não se sentia *íntima* do *Cancioneiro da Ajuda*, é a própria Elsa que, em um dos seus mais profícuos trabalhos, vai retorquir àquelas irresoluções sob um discretíssimo título, «Duas notas mínimas ...»¹⁸. Observações indispensáveis para a história da tradição manuscrita galego-portuguesa, motivada pela discussão do meu trabalho. Perante a sua perplexidade da mudança de perspetiva – o *Cancioneiro da Ajuda* seria, afinal, resultante de várias fontes, umas mais organizadas, outras ainda em movimento e não de um exemplar concluído – Elsa Gonçalves formula uma atraente hipótese. Baseando-se em *tabulae* de outros cancioneiros, sugere que terá havido um instrumento de trabalho, uma *tabula*, que transmitiu a sucessão de autores, de *incipit*, tal como a *tabula* que acompanha o *Chansonnier du Roi* (nomes de autores, *incipit* abreviados, mas sem qualquer indicação quanto à colocação de cada texto no códice). Uma *tabula* programática, portanto, e não uma *tabula*, índice, de um cancioneiro acabado. É esta substancial conjectura que explica a génese da única, mas errónea, nota atributiva no *Cancioneiro da Ajuda*¹⁹. O nome de Pero da Ponte, à margem de uma cantiga incompleta, atribuível a Pay Soarez de Taveirós, só se elucida por um equívoco de leitura com um *incipit* semelhante, *Os meus olhos*, de Fernan Padron e *Meus olhos*, de Pay Soarez. Este relevante estudo de E. Gonçalves, que tem estado silenciado – provavelmente pelo seu modesto título – assenta na hipotética, mas bem plausível presença de uma *tabula*, prévia à cópia do *Cancioneiro da Ajuda*. É essa *tabula anti-ga*, de natureza programática, que poderá esclarecer a afinidade entre os três cancioneiros, depositários da lírica galego-portuguesa.

Da experiência da *Tavola collociana* à suposição de uma bem legitimada *Tabula ajudense*, Elsa Gonçalves adicionou um robusto elemento não apenas para, mais uma vez, regressarmos ao códice, mas para perseverar na *mise en relief* das *tables-mémoires* e das *tables-repères*, como bem realçava Anna Ferrari²⁰.

¹⁸ E. Gonçalves, «Duas notas mínimas em torno da confecção e cópia do *Cancioneiro da Ajuda*», *Românica* 20, 'Para Teresa Amado', 2011, pp. 10-20. Republ. em E. Gonçalves, *De Roma ata Lixboa* cit., pp. 533-540.

¹⁹ S. T. Pedro, «Análise paleográfica das anotações marginais e finais no 'Cancioneiro da Ajuda'», *Colóquio Cancioneiro da Ajuda (1904-2004)*. Faculdade de Letras de Lisboa – Biblioteca da Ajuda, 11, 12 e 13 de novembro de 2004, M. A. Ramos e T. Amado (coords.), *À Volta do Cancioneiro da Ajuda* cit., pp. 23-59.

²⁰ A. Ferrari, «Introduzione» à coleção «*Intavulare*». *Tavole di canzonieri romanzi*. Disponível em: https://www.mucchietore.it/images/Extra/Intro_Intavulare.pdf.

Falar de Elsa é falar de *cancioneiros* e é falar de nós, *compagne* de cancioneiros. Mas é sobretudo falar dos seus *sen*, *sens* e *savoir*. Subsiste-nos, agora, através dos seus textos, a sua *sagesse* e a sua *raison*! E sem a *companha* desta *dona*, como serei *guarida*?

Gilda SANTOS (Rio de Janeiro)

Elsa, Elsinha

Primeiro foi um nome – Gonçalves, Elsa – em indicações bibliográficas que, pelos fins dos anos '70, remetiam a recensões sobre estudos medievais na *Colóquio/Letras*.

Depois, foi um texto: todas as palavras que cercavam as cantigas selecionadas na antologia da *Lírica Galego-Portuguesa*, a qual, já em 1984, transformei em livro indispensável, adotei nas minhas aulas e vivamente recomendei aos alunos.

Depois, foi uma voz: a que simpaticamente, por telefone, aceitou o convite, nos inícios de 1990, de vir ao Rio de Janeiro participar do Congresso “*Singularidades de uma cultura plural*” – *XIII Encontro de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa*, cuja comissão organizadora eu integrava.

Depois, foi a presença: miudinha, atenta e sorridente nos corredores da Faculdade de Letras da UFRJ, sempre acompanhada das amigas Maria de Lourdes Ferraz e Maria Lucília Pires (as “três baixotinhas”, como lhes chamamos carinhosamente) no inverno carioca desse ano, de temperaturas tão inesperadas que obrigou os congressistas a comprarem agasalhos.

Depois, foi o primeiro encontro em Lisboa e os inúmeros que se seguiram, em vários espaços, estreitando laços daquela amizade que dispensa adjetivos e que nos levou às hospedagens recíprocas, com maior frequência de sermos, eu e meu marido, mais hóspedes do que anfitriões.

Nesse convívio, a percepção de uma pessoa de rara integridade, a certeza de uma imensa sabedoria e de uma modéstia infinita – tudo entremeado com histórias divertidas, exemplos de fé inabalável, aprendizados com jeito de importância alguma e provas de rigor científico nas raias do espanto. Lembro-me particularmente do dia em que, no Restelo, Elsa preparava-se para ir à Biblioteca Nacional a fim de tirar uma dúvida quanto ao título de um livro que precisava mencionar: não sabia se nele havia “de” ou “da”. Felizmente, pude dispensá-la da “viagem” ao acessar pelo computador o site da BNP.

Elsa e Emmanoel, meu marido, entenderam-se logo à perfeição, desde o primeiro momento em que se viram. Foi ele quem primeiro a chamou de

“Elsinha”, e eu aderi. E, ao longo dos anos, o afeto e as afinidades solidificaram-se também, ultrapassando a distância, com a troca de muitas mensagens, cedo facilitadas pelo e-mail. Pois bem, ele costumava partilhar com ela algumas crônicas do nosso cotidiano, sobretudo quando referiam encontros com pessoas que Elsa conhecia. Nelas, insistentemente, Emmanoel explicitava a sensação de *praesentia in absentia* da nossa querida amiga. Pura verdade. E a última mensagem que ele lhe enviou seguiu sob o título de “mantendo o contato”. Como ambos acreditavam na vida eterna, decerto no *assento etéreo* continuam o animado diálogo.

Por aqui, nesta reunião de amigos e alhures, temos certeza de que Elsa Gonçalves segue no meio de nós, como luz que não se apaga.

Yara FRATESCHI VIEIRA (São Paulo)

Uma apostila para Elsa Gonçalves

O meu primeiro contacto ‘face a face’ com Elsa Gonçalves – depois de conhecê-la ‘no papel’, como autora de tantos e tão importantes trabalhos ligados à nossa área comum, a lírica galego-portuguesa – foi em São Paulo, por ocasião do *I Encontro Internacional de Estudos Medievais*, realizado na Universidade de São Paulo, em 4, 5 e 6 de julho de 1995. Elsa Gonçalves tinha sido convidada por nós, os organizadores do evento, para proferir uma das conferências, como não podia deixar de ser, num congresso que pretendia abrir – e de fato abriu – um novo capítulo na recuperação e no desenvolvimento dos estudos filológicos no Brasil. A sua conferência sobre «Tradição manuscrita e edição de textos: experiências ecdóticas no campo da lírica galego-portuguesa» foi uma aula de metodologia, de trabalho sério, seguro, bem informado e atualizado¹; ao mesmo tempo, com a sua organização perfeita e apresentação precisa e clara, apesar da complexidade dos temas e da profundidade com que os tratou, resgatava aspectos materiais, contextuais e históricos que certas práticas estruturalistas e pós-estruturalistas haviam banido do discurso da teoria e da crítica literárias nas décadas anteriores.

Além da sua *auctoritas* incontestável, conquistou-nos também pela atitude e pela convivência simples e acessível: presente em todas as sessões, participava com perguntas e observações firmes, sempre ditas de forma respeitosa e delicada, com o propósito evidente de contribuir para o bom desen-

¹ Publicada nas *Atas do I Encontro Internacional de Estudos Medievais*, 4, 5 e 6 julho/95. USP – UNICAMP – UNESP, Humanitas 1995, pp. 36-51. Republicada em: E. GONÇALVES, *De Roma ata Li-xboa. Estudos sobre os cancioneiros galego-portugueses*. Edición ao coidado de J. Dionísio - H. Montegudo - M. A. Ramos. A Coruña, Real Academia Galega 2016, pp. 283-301.

volvimento dos trabalhos. Quando se procedeu à avaliação do evento na plenária de encerramento, um aspecto, em geral, foi salientado: a dificuldade que nós, medievalistas brasileiros, enfrentávamos para ter acesso aos materiais indispensáveis para o trabalho, na maioria inexistentes nas nossas bibliotecas, como os manuscritos e a bibliografia especializada mais recente (o mundo digital ainda era uma ficção científica naquela altura ...). A esse respeito, os presentes foram informados, pelo Prof. Leodegário de Azevedo Filho, de que a Universidade Federal do Rio de Janeiro comprara a biblioteca do Prof. Celso Cunha, nosso grande medievalista, que perdêramos poucos anos antes, em 1989; e Elsa Gonçalves, por sua vez, após enfatizar os aspectos positivos de um Encontro como aquele, aberto a uma variedade de interesses e aos subsídios de outras disciplinas, recomendou aos grupos que se debatiam com dificuldades resultantes de escassez bibliográfica, um grande cuidado “na definição precisa e limitada dos seus projetos”². Uma qualidade, aliás, que é também marca distintiva de todos os seus trabalhos.

Tive o privilégio de estar com Elsa Gonçalves várias vezes depois, não só em congressos fora do Brasil, mas, muito especialmente, na casa da Rua Mem Rodrigues, no Restelo, onde a Elsa e a irmã, Maria de Lourdes, me receberam com muito carinho, boa prosa e quitutes da Guarda ...

Relembrando esse percurso acadêmico e pessoal, agora, quase trinta anos depois, quando os estudos medievais brasileiros podem orgulhar-se dos frutos colhidos desde então, pensei em dedicar aqui atenção especial ao meritório trabalho realizado pela Elsa, especificamente para o público brasileiro, mas não só, ao resgatar as três importantes edições críticas de Celso Cunha, que se tinham tornado uma raridade bibliográfica. Refiro-me, naturalmente, ao volume *Cancioneiros dos Trovadores do Mar*³, que reúne *O Cancioneiro de Paay Gómez Charinho*, edição que Cunha apresentara como *tese de concurso* para a obtenção do título de Doutor em Letras e Professor Livre-Docente em Literatura Portuguesa pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil⁴, e que não chegou a ser impressa; *O Cancioneiro de Joan Zorro*⁵, do qual se oferecem ao leitor «dois textos entrelaçados: o texto

² *Atas do I Encontro Internacional* cit. n. 1, p. 372.

³ C. CUNHA, *Cancioneiros dos Trovadores do Mar*. Edição preparada por E. GONÇALVES. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda 1999.

⁴ C. C. PEREIRA, *Cronologia da vida de Celso Cunha*, in C. CUNHA, *Sob a pele das palavras. Dispersos*. Organização, Introdução e Notas de C.C. PEREIRA. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira 2004, p. [15].

⁵ “*O Cancioneiro de Joan Zorro* é também um trabalho acadêmico: “TESE apresentada em concurso para provimento de uma das cadeiras de Português do Colégio Pedro II” lê-se no frontespício [*sic*] do exemplar pertencente ao Autor (de notar que esta informação não aparece nos *cem exempla-*

inicial (a edição de 1949) corrigido das suas gralhas, e um segundo texto (virtual⁶) que é o resultado da leitura do texto inicial modificado pela nossa leitura das notas marginais do “exemplar revisto” e pela interpretação da sua funcionalidade»⁷; e a reprodução facsimilada do *Cancioneiro de Martin Codax* (Rio de Janeiro, 1956), seguido em *Apêndice* do estudo de Cunha, «Sobre o Texto e a Interpretação das Cantigas de Martin Codax»⁸, por constituir, nas palavras da Organizadora, «um instrumento útil ao leitor que venha a utilizar a reprodução anastática de *O Cancioneiro de Martin Codax*», graças ao «rigor metodológico da exposição, o interesse da reflexão sobre questões preliminares à edição crítica de textos medievais ... e [à] ponderada defesa da escolha das lições do *Pergaminho Vindel* para o estabelecimento do texto crítico que C. Cunha editara em 1956»⁹.

Ivo Castro relembra, na *Apresentação* do volume, que Elsa Gonçalves

foi, em Portugal, uma das pessoas com quem Celso Cunha mais conversou e com quem mais afinidades sentia, particularmente no terreno da lírica trovadoresca. Conheceu bem os projectos que Celso Cunha tinha para a republicação das suas obras, ouviu-lhe confidências, discutiram soluções¹⁰.

Com efeito, ela já publicara, em 1984¹¹, a recensão ao livro *Estudos de Versificação Portuguesa (séculos XIII a XVI)*¹², e em 1993, coube-lhe redigir o verbete *Cunha, Celso Ferreira da*¹³, onde dá conta das contribuições do filólogo brasileiro aos estudos medievais, ressaltando o tratamento das questões teóricas e a prática da edição crítica com os problemas que levanta, como a necessidade de conhecimento da língua e da poética trovadoresca (aspectos relacionados à rima, aos encontros vocálicos, à presença do -e paragógico na épica e na lírica, aos arcaísmos léxicos, à polissemia e ao sentido literal etc.). A propósito desse verbete, quero chamar a atenção para o cuidado com que

res especiais em papel buffon isento, todos numerados e rubricados pelo autor).” E. GONÇALVES, *II. Joan Zorro. Nota Introdutória*, in CUNHA, *Cancioneiros dos Trovadores do Mar* cit. n. 3, p. 157.

⁶ O termo *virtual* é utilizado por Elsa Gonçalves, em 1999, não com o sentido que tem hoje, de ‘existente ou simulado num dispositivo eletrônico por meio da internet’, mas com o de ‘possível, potencial’, como se explica logo a seguir na frase.

⁷ E. GONÇALVES, *II. Joan Zorro. Nota Introdutória*, in CUNHA, *Cancioneiros dos Trovadores do Mar* cit. n. 3, p. 158.

⁸ Publicado inicialmente em *Critique Textuelle Portugaise. Actes du colloque* (Paris, 20-24 octobre 1981). Paris, Centre Culturel Portugais 1986, pp. 65-83.

⁹ CUNHA, *Cancioneiros dos Trovadores do Mar* cit. n. 3, p. 304.

¹⁰ *Ibidem*, p. 13.

¹¹ «Colóquio/Letras» 80 (1984), pp. 109-111.

¹² Paris, Fondation Calouste Gulbenkian 1982.

¹³ *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Organização e coordenação de G. LANCIANI E G. TAVANI. Lisboa, Editorial Caminho 1993, pp. 197-199.

Elsa Gonçalves revia os textos, não só alheios, mas também os seus próprios: assim, na *Nota Introdutória* ao *Cancioneiro de Paay Gómez Charinho*, depois de uma longa nota de rodapé dedicada aos títulos com que o texto fora referido pelo próprio autor, acrescenta:

Aproveitamos a ocasião para corrigir o erro que cometemos no verbete “Cunha, Celso Ferreira da” do *Dicionário de Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Org. e coord. de G. Lanciani e G. Tavani. Lisboa, 1993, p. 199, ao citar a edição de Pay Gomez Charinho com o título “virtual”¹⁴. O título correcto deverá ser *O cancionero de Paay Gómez Charinho, trovador do século XIII*¹⁵.

Esse zelo, manifestado aqui pelo desejo de oferecer o dado correto e exato, comparece também na busca diligente do acesso tanto quanto possível completo e atualizado aos materiais relevantes para o estudo: num dos valiosos comentários que acompanham a edição dos textos de Joan Zorro, modestamente intitutados, cada um deles, *Apostila 1999*, ela mesma diz que faz uma leitura «movimentada»¹⁶, isto é, que percorre não só o texto em questão, mas aqueles que de alguma forma com ele dialogam, iluminando-o ou completando-o. É uma qualidade evidente a quem quer que se disponha a seguir o roteiro das minuciosas observações e indicações presentes nos seus trabalhos em geral.

Para terminar esta minha breve, mas muito saudosa recordação da Elsa Gonçalves, peço licença aos leitores para reproduzir parte de uma carta que dela recebi, na qual me informava da recente publicação do livro *Cancioneiros dos Trovadores do Mar*, cujo exemplar generosamente me estava a enviar. A carta é datada de Lisboa, 3 de setembro de 1999¹⁷:

Querida Yara:

[...]

Tinha pensado levar-lhe para a Espanha um exemplar do livro de Celso Cunha, cuja edição preparei, mas, vendo que a Yara está em Santiago, vou mandar para lá pelo correio. Assim evito que carregue o volume, que não é leve. O título que a INCM resolveu inventar (eu não quis acompanhar a impressão) não me agrada, e a qualidade da reprodução facsimilada das edições de Pay Gomez Charinho e de Martin Codax também não me parece a melhor. Paciência! Resta a esperança de que o livro possa ser útil e que a minha intenção de honrar a memória do Celso seja compreendida por quem me incumbiu da tarefa. O exemplar que lhe vou mandar é o segundo dos dois únicos que,

¹⁴ Cf. *supra*, n. 6.

¹⁵ CUNHA, *Cancioneiros dos Trovadores do Mar* cit. n. 3, p. [17], n. 1.

¹⁶ *Ibidem*, p. 220.

¹⁷ Digitada e impressa numa folha de papel, exceto a despedida e a assinatura ao final, manuscritas.

até à data, a Imprensa me mandou, pelo Ivo¹⁸: é justo que assim seja, sendo a Yara brasileira, medievalista e... minha amiga.

Infelizmente, não cheguei a saber qual título a Elsa preferiria dar ao volume. Da minha parte, confesso que o que recebeu, e pelo qual hoje é conhecido, me parece bastante adequado e sugestivo ... De qualquer forma, a intenção de honrar a memória do filólogo e amigo realizou-se plenamente com a publicação do livro, não só por tornar acessíveis as suas três edições magistrais, mas ainda, como muito bem o sintetiza Ivo Castro, porque o livro é «uma homenagem a Celso Cunha – um editor bem editado»¹⁹.

E também por isso, Elsa, fica-lhe especialmente agradecida a sua amiga (medievalista e brasileira).
(21 de maio de 2022)

Da ultimo aggiungo che Xesús ALONSO MONTERO (Vigo), assiduo compagno del caffè Derby di Santiago, compagno di tortillas notturne e generoso ‘prestatore’ della Citroën 2CV che ci ha condotte a S. Servando, ha pubblicato un *Pranto por Elsa Gonçalves* nel quotidiano «La Voz de Galicia» del 14 febbraio 2022, consultabile in internet https://www.lavozdeg Galicia.es/noticia/opinion/2022/02/14/pranto-elsa-goncalves/0003_202202G14P10992.htm (dove va corretto il luogo di nascita, che è Guarda, e non Lisbona: Elsa ci teneva tanto!).

A. F.

¹⁸ Ivo Castro, diretor da Coleção “Filologia Portuguesa” da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, inaugurada com esse volume.

¹⁹ CUNHA, *Cancioneiros dos Trovadores do Mar* cit. n. 3, p. 13.